

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ALEX CAMILO PEDROSA

**A APRECIAÇÃO DE FILMES COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA DO
ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Belo Horizonte – Minas Gerais

2020

ALEX CAMILO PEDROSA

**A APRECIAÇÃO DE FILMES COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA DO
ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte das exigências para a obtenção
do título de Licenciatura em Dança.

Orientador: Profa. Dra. Ana Cristina
Carvalho Pereira

Belo Horizonte – Minas Gerais

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"A APRECIAÇÃO DE FILMES COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA DO ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL"

ALEX CAMILO PEDROSA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Graduação em Dança, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Dança, aprovada em 19/02/2021 pela banca constituída pelos membros:

Orientador(a): Profa. Ana Cristina Carvalho Pereira

Examinador(a): Prof. Paulo José Baeta Pereira

Examinador(a): Anamaria Fernandes Viana

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Jose Baeta Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 22/02/2021, às 19:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Anamaria Fernandes Viana, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 15:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Carvalho Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2021, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º



do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0580204** e o código CRC **0F2B0AC3**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me apoiaram por todo o caminho desse curso e sempre me ajudaram a criar ou desenvolver a minha arte.

Dedico também aos meus amigos de longa data que sempre souberam do meu amor pela Dança e pelo Cinema e estão sempre na torcida de todas as minhas conquistas.

Dedico aos meus colegas de classe e professores da UFMG que me fizeram expandir os meus horizontes e que me ofereceram material e discussões para que eu conseguisse fazer este trabalho, como sempre digo: conhecimento nunca é demais.

E, finalmente, dedico este trabalho a todos aqueles amantes da Dança e do Cinema, que possam se identificar de alguma maneira com o meu trabalho e ser uma inspiração para os seus trabalhos na educação, em ênfase no ensino da arte.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho apresenta em seu conteúdo as minhas duas maiores paixões artísticas: a Dança e o Cinema. E, para mim, é uma realização poder apresentar essas duas artes em prol da educação, por isso, tenho muito que agradecer por essa possibilidade.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por ter me dado a possibilidade de poder realizar todos os meus sonhos.

Agradeço aos meus pais e minha irmã por sempre acreditarem em meu talento e me ajudarem nessa caminhada, mais uma para o meu histórico.

Outras pessoas que também foram importantes nessa caminhada foram os meus colegas de Dança que passaram pela minha vida, que sempre me motivaram a continuar a dançar e a nunca desistir. E também aos meus amigos que sempre foram os espectadores da minha arte e comemoraram comigo por todas as vitórias.

Quero agradecer aos meus professores/mestres da Universidade Federal de Minas Gerais, que sempre estiveram dispostos a ensinar e o tanto que aprendi com eles, em especial a professora Gabriela Christófaro, porque foi por causa de um encontro casual na rua que ela me convidou a fazer o curso de Dança e foi este o empurrão que faltava para me dar coragem para fazer o curso e agora estou aqui nessa conclusão.

Um muito obrigado também aos meus colegas de percurso, e em especial, Maria Paula Carvalho e Ana Carolina Quirino que foram minhas parceiras em todos os períodos e todos os trabalhos, e tivemos uma troca mútua de ajuda, carinho e resultados. E também à Helen Ribeiro que foi uma amiga que o curso me trouxe e entre sorrisos e palavras se fez o conhecimento.

Gostaria de agradecer também aos meus colegas do Atelier de Dança e Cinema, Bárbara Almeida, Maria Paula Carvalho, Ana Carolina Quirino, Wendel Martins e Ana Clara França que se dispuseram a participar das reuniões por chamada de vídeo, etapa fundamental para a conclusão deste trabalho.

Um muito obrigado à Universidade da Beira Interior, em Portugal que proporcionou a oportunidade de eu realizar atividades no curso de Cinema e que contribuíram para a escrita e fomento das minhas atividades que iria desenvolver nesse trabalho.

Quero agradecer a Escola Estadual Getúlio Vargas em Belo Horizonte - MG, em especial o professor Samuel Carvalho que colaborou com a realização da minha proposta

pedagógica e foi tão prestativo em me ajudar, uma vez que estávamos adaptando a forma de ensino para um ambiente online.

Por fim, quero agradecer ao professor Arnaldo Alvarenga por sua sensibilidade e por saber equilibrar Dança e Cinema de uma maneira que me motivou a fazer este trabalho, também a minha orientadora Prof.^a Ana Cristina Carvalho Pereira que tem um dom para a pesquisa e direcionamentos que são impressionantes, obrigado por me guiar e, porque não, ao diretor Steven Spielberg que em 1993 lançou o filme Jurassic Park, que foi o filme que me fez amar o Cinema e depois disso o resto foi só história envolvida de arte, amor e, é claro, muita dança! Obrigado.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda o ensino-aprendizagem da Dança a partir da apreciação de filmes de dança, promovendo um diálogo entre as artes e, também, utilizando um recurso que possui uma infinidade de registros da dança. De caráter exploratório e qualitativo, essa pesquisa se fundamentou, principalmente, nos estudos de Ana Mae Barbosa (2010) sobre a abordagem triangular de ensino da Arte e Isabel Marques (2014) que argumenta e contextualiza a Dança como área de conhecimento e Antônio Carlos Wagner (2012) que demonstra a força do Cinema em sala de aula. A partir da reflexão proposta pelos autores, observou-se que o ensino de Dança mediado pelo cinema/filmes poderia contribuir positivamente para os processos de ensino-aprendizagem da Dança. A partir desse entendimento, criou-se uma proposta didática do ensino da Dança no Ensino Fundamental, tendo como principal base a apreciação de filmes de dança. Para a validação da proposta, foram realizadas duas aulas com os estudantes do Ensino Fundamental onde pudessem apreciar, contextualizar e realizar um fazer prático, onde seria possível perceber a combinação entre a Dança e o Cinema, com diversas possibilidades do ensino-aprendizagem e permitindo uma aula diferenciada.

Palavras-Chaves: Dança; Cinema; Abordagem Triangular; Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This course conclusion work discusses the teaching-learning of Dance from the appreciation of dance films, promoting a dialogue between the arts and also using a resource that has an infinite number of dance records. Exploratory and qualitative, this research was mainly based on the studies of Ana Mae Barbosa (2010) on the triangular approach to teaching Art and Isabel Marques (2014) who argues and contextualizes Dance as an area of knowledge and Antônio Carlos Wagner (2012) that demonstrates the strength of Cinema in the classroom. Based on the reflection proposed by the authors, it was observed that dance teaching mediated by cinema / films could positively contribute to the teaching-learning processes of Dance. Based on this understanding, a didactic proposal for the teaching of dance in elementary school was created, based on the appreciation of dance films. For the validation of the proposal, two classes were held with Elementary School students where they could appreciate, contextualize and perform a practical activity, where it would be possible to perceive the combination of Dance and Cinema, with several teaching-learning possibilities and allowing differentiated class.

Key words: Dance; Cinema; Triangular Approach; Teaching-learning.

LISTA DE IMAGENS

1. Imagem 01 – Primeira reunião do Atelier de Dança e Cinema (16/06/2020).....	36
2. Imagem 02 – Segunda reunião do Atelier de Dança e Cinema (23/06/2020).....	39
3. Imagem 03 – Terceira reunião do Atelier de Dança e Cinema (09/07/2020).....	41
4. Imagem 04 – Divulgação da Aula Online 01 (24/08/2020).....	55
5. Imagem 05 – Cena do filme Ela Dança, eu Danço (Step UP – 2006).....	58
6. Imagem 06 – Cena do filme Ela Dança, eu Danço (Step UP – 2006).....	59
7. Imagem 07 – Divulgação da Aula Online 02 (21/09/2020).....	63

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA.....	14
2.1. O ensino de Arte na escola.....	14
2.2. O ensino da Dança na escola.....	16
2.3. A Abordagem Triangular e o ensino da Dança.....	19
3. DIÁLOGO ENTRE DANÇA E CINEMA COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA DO ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA.....	24
4. METODOLOGIA.....	30
4.1. Atelier para elaboração de uma proposta didática do ensino aprendizagem em dança a partir do diálogo entre Dança e Cinema.....	31
4.1.1. Primeira reunião do atelier.....	33
4.1. 2. Segunda reunião do atelier.....	36
4.1.3. Elaboração dos Planos de Aula.....	39
4.1. 4. Terceira reunião do atelier.....	40
4.2. Planejamento da proposta didática.....	42
4.2.1. Plano de ensino.....	42
4.2.2. Plano de aula Dança e Cinema.....	44
5. REALIZAÇÃO DA PROPOSTA E ANÁLISE DE DADOS.....	52
5.1. Luz, Câmera, Ação!.....	52
5.2. Claque 1.....	56
5.3. Claque 2.....	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74
FILMOGRAFIA.....	78
APÊNDICES.....	81
APÊNDICE A – Convite para participação do Atelier de criação.....	81
APÊNDICE B – Apresentação teórica da Aula Online.....	82
ANEXOS.....	83
ANEXO A – Termo de Consentimento livre e esclarecido – Atelier.....	83
ANEXO B – Termo de Consentimento livre e esclarecido – Aula Online.....	88

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o ensino-aprendizagem da Dança a partir de uma proposta didática fundamentada no diálogo entre Dança e Cinema com alunos do Ensino Fundamental. A ideia desse trabalho surgiu de um interesse pessoal que me acompanha desde a infância, nutrindo um amor por essas duas áreas artísticas – Dança e Cinema – e nada melhor do que unir essa paixão em um trabalho de pesquisa que pretende investigar a contribuição dos filmes como uma proposta didática que pode ser uma possibilidade para o ensino de Dança, mostrando o diálogo entre a sétima arte e a arte da dança.

Isabel Marques (1997) já apontava a dificuldade do ensino da dança na disciplina de Artes nas escolas do Ensino Básico, a começar pelo despreparo de muitos dos professores que não possuíam algum conhecimento prático-teórico como intérprete, coreógrafos ou diretores de dança, além de não existir um número suficiente de bibliografias especializadas na área, o qual as editoras acusam uma falta de mercado para o tema. Outro ponto citado pela autora é sobre de que forma a Dança pode ser ensinada, além das práticas corporais, e sugere um enfoque denominado como “contextos da dança” que abrange o entendimento da história da dança, contextualizações, estética e apreciação. Essa forma de ensinar a Dança se identifica com a Abordagem Triangular para o Ensino da Arte, apresentado por Ana Mae Barbosa (2010) que consiste em saber ler uma obra de arte, contextualizar historicamente e realizar um fazer artístico, onde cada etapa se complementa. A partir desses referenciais podemos buscar propostas didáticas para compartilhar o conhecimento, como, por exemplo, utilizar o recurso didático de exibição de filmes de dança para enriquecer nas aulas de Dança.

Caldas (2017) afirma que a interdisciplinaridade entre as artes desenvolve as habilidades e o saber artístico dos alunos e é função do educador incorporar diferentes materiais e saberes culturais para que possam ser construídos conhecimentos significativos do aluno pela arte. Dessa forma, o professor deve entender que a interdisciplinaridade é uma relação de saberes, onde uma forma de arte enriquece a outra e isso reflete na qualidade do processo de ensino aprendizagem da Dança.

Antes mesmo de iniciar este trabalho, eu tinha pesquisado em alguns livros adotados pelas escolas de Belo Horizonte, incluindo aqueles aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/MEC - 2019), para verificar se existia algum conteúdo nos livros de Artes sobre a Dança, o Cinema ou na união dessas duas artes. Na maioria dos livros, quando tinha algo relacionado sobre a temática, era mais voltado para a conceituação do que seria a Dança,

o Cinema e assim por diante. Quando a Dança era apresentada, eram dados exemplos de estilos de dança, principalmente estilos típicos do Brasil. Ao falar do Cinema, tinha um pouco da sua história desde as primeiras projeções. Porém, dois casos me chamaram a atenção durante essa pesquisa. No livro didático *Por Toda Parte* (2015), ao falar sobre coreografias, os autores utilizaram como exemplo a cena do filme *O curioso caso de Benjamin Button* (*The Curious Case of Benjamin Button* / 2008), que não é um filme de dança, mas tem uma personagem bailarina. Achei interessante a escolha do exemplo, porque os autores poderiam ter ilustrado com um espetáculo de dança ou com uma dança típica de alguma região, mas optaram em dialogar com a sétima arte. O mesmo acontece no livro didático *Alcance EJA* (2013) onde os autores queriam retratar a Dança como algo particular de cada um, que é possível errar ou que não existem limitações para se movimentar e para ilustrar essas palavras, usaram como exemplo o filme *Perfume de mulher* (*Scent of a Woman* / 1992), onde o personagem em situação de deficiência visual realiza um tango com sua parceira, levando em consideração apenas os outros sentidos que possui.

Os livros citados não incluíram ideias de propostas práticas como integração do conteúdo, mas foi louvável perceber que outros autores acreditam nessa interação com o Cinema. Caberia a nós acessar este material didático e desenvolver esses fazeres artísticos. São várias as possibilidades de ensino que podem ser exploradas utilizando a Dança e o Cinema em comum acordo e perceber essa carência nos livros pesquisados, surge essa inquietação para apresentar um trabalho que demonstraria as probabilidades de ensino da arte, seja Dança e ou Cinema.

E como forma de experienciar essa interdisciplinaridade entre as artes, como contribuição para o ensino, o presente trabalho lança mão do seguinte questionamento: De que forma a apreciação da dança nos filmes podem contribuir para o ensino aprendizagem da dança? E para buscar a resposta dessa questão foi desenvolvido um trabalho que será apresentado a seguir em cinco etapas.

Na primeira parte apresenta-se a importância de ensinar a Arte na escola e os desafios que são encontrados na disciplina. Em seguida, será argumentado propriamente sobre a Dança como um campo de conhecimento dentro da disciplina de Arte e algumas propostas sobre o seu ensino. Posteriormente, na terceira parte, será descrito sobre metodologia de ensino da Dança, na busca de um melhor entendimento sobre a temática, sempre galgado na Abordagem Triangular. Na quarta parte será apresentado sobre a importância do diálogo entre a Dança e o Cinema, em como essa união pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem do

aluno. Por fim, será demonstrado como a Dança e o Cinema sempre tiveram uma interlocução e as vantagens de utilizar esse recurso didático em sala de aula.

Após todo esse levantamento, é apresentada uma proposta didática de ensino aprendizagem em Dança, com foco nas apreciações de filmes, e para isso foi necessário a realização de um atelier de criação para desenvolvê-la e propor essa interação entre a Dança com o Cinema em uma turma do Ensino Fundamental, etapa que foi um desafio a parte para a sua realização, uma vez que estamos enfrentando uma pandemia ocasionada pelo o vírus do COVID.

Vale ressaltar que quando me refiro ao termo “filmes de dança”, não atribuo somente à filmes que retratam a história de um estilo de dança, como por exemplo, um documentário sobre o balé. Essa até poderia ser uma opção de trabalho em sala de aula, mas meu enfoque será referente aos filmes que tem algum número de dança como parte integrante de sua trama, seja como um objetivo final da história ou somente para “ilustrar” um momento, clássicos como Cantando na Chuva (Singin’ in The Rain / 1952), Billy Elliot (2000), Ela dança eu danço (Step up / 2006) e assim por diante.

Após o desenvolvimento da proposta didática no contexto escolar foi realizada a análise de todos os dados e apresentação das considerações finais sobre as possibilidades que esse trabalho me proporcionou, ideias para trabalhos futuros e como é possível desenvolver uma proposta que dialoga entre as artes, no caso a Dança e o Cinema.

2. O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA

2.1. O ensino de Arte na escola

Antes mesmo de pensar na apreciação de filmes como uma proposta de ensino da dança, dentro da disciplina de Artes, é interessante primeiro saber, afinal porque se deve ensinar Artes, qual a importância dessa disciplina. Até antes mesmo de abordar a arte em suas áreas de conhecimento como a Dança, o Teatro, a Música e/ou Artes Visuais e buscar metodologias de ensino, a Arte deve ser entendida como área do conhecimento a ser considerado como qualquer outra disciplina.

A autora Isabel Marques (2014) fez, justamente, esse questionamento, de porque ensinar a arte na escola, já que essa é uma disciplina que pode ser vista com pouca importância e não tendo o seu devido valor, como o próprio termo que a autora utilizou, a Arte é vista como "perfumaria" ou mesmo um "produto" a ser entregue. Além disso, levanta outro questionamento, será que as pessoas que não veem a Arte com sua devida importância, também não tiveram uma experiência significante na disciplina ou o devido acesso nos seus tempos de escola e, é exatamente, o principal motivo que a autora defende como ser o mais pontual: o acesso.

Eis, um primeiro bom motivo inicial para a presença da arte na escola: acesso. Ter Arte na escola é dar acesso a todas as crianças, jovens e adultos a esse conhecimento, sistematizando as diferentes linguagens que nos possibilitam interagir no mundo de uma forma diferente e diferenciada. (MARQUES, 2014, pág. 29).

É por meio do acesso à arte que o aluno poderá construir o seu conhecimento de mundo, para conseguir entender as coisas que o rodeia, ter uma visão crítica sobre a sua cultura e promover um diálogo sobre as diversas linguagens artísticas que a escola pode proporcionar. E será papel do professor ser o elo entre a Arte e o aluno. Ele tem que ser um agente interessado em promover esse direcionamento, acreditar no poder da Arte e mostrar que essa disciplina não é apenas uma transmissão de conteúdo ou simplesmente buscar um resultado final, mostrar que cada área artística pode possibilitar uma nova forma de ver e entender o mundo, que a Dança, por exemplo, pode oferecer outros modos de expressar sobre algo, que o movimento pode ser muito mais do que uma simples repetição de gestos.

O professor de Arte que tem entre suas funções abrir as portas e construir para/com os alunos pontes para o “mundo da arte lá de fora”, pontes de mão dupla, ou seja, articulando a “arte lá de fora” com o projeto e o planejamento da escola e do professor. Para que isso aconteça, é crucial que o próprio professor não se isole, mas seja ele mesmo um frequentador, um fazedor, um fã da arte. (MARQUES, 2014, pag. 53).

Marques (2014) também insiste na importância do papel do professor, onde ele não deve ser apenas um transmissor de conhecimento, e que ao apresentar a Arte, não fique preso apenas em decorar nomes e datas, na reprodução de coreografias do momento ou trazer leituras prontas. O professor pode fazer uso desses artifícios para enriquecer sua aula, mas que dê a possibilidade de seus alunos fazerem arte, que possam discutir e problematizar aquilo que os rodeiam, buscar sua identidade e sua forma de expressar a própria arte. Além do mais, Marques (2014) também defende que o ensino da Arte nas escolas, além de promover um acesso ao conhecimento estético, é uma forma de experimentação e percepção das linguagens artísticas e relacionar com o meio social que estão inseridos, e que tudo isso está alinhado ao compromisso, ao respeito e ao interesse do professor em querer ensinar arte promovendo o envolvimento de todos. E para que o professor consiga fazer isso, ele deve saber balancear aquilo que está no seu planejamento escolar com a realidade em que a escola está inserida.

Então é papel professor oferecer esse diálogo entre a Arte e o contexto do aluno, levando em consideração o modo de ensinar, em qual situação o aluno vive, de qual metodologia irá fazer uso e promover um olhar crítico do seu aluno. Tarefa bastante difícil, ainda mais com as situações citadas anteriormente, que a Arte não é importante para os alunos, que deveriam se preparar apenas para o vestibular e que o papel da Dança seria apenas criar “dancinhas” para um festival da escola ou fazer a decoração das festas do calendário escolar.

O professor de Arte pode exercer o papel crítico do curador, do pesquisador muito privilegiado, pois propõe, participa, conhece o processo de criação dos alunos e seus contextos específicos. O professor tem a oportunidade única de avaliar continuamente o trabalho dos alunos e alimentá-los com comentários, conhecimento, materiais. O professor ocupa uma posição que muitos críticos gostariam de ocupar: participar do processo e compartilhar o produto. (MARQUES, 2014, pág.114).

Quando Isabel Marques (2014) problematiza o papel da Arte como a entrega de um produto, ela, na verdade, faz uma crítica de como muitas escolas veem o objetivo da disciplina, apenas como uma entrega de um trabalho final, uma coreografia ou uma pintura ou um sarau de poesias, por exemplo, o que limita muito o papel do professor em poder fazer uso

de práticas para o ensino. Então, é no momento do planejamento escolar que esse profissional deve saber como impor o valor da disciplina e tentar equilibrar as necessidades da escola com o real significado da importância da Arte. Parece ser uma batalha sem fim, ter que demonstrar que a Arte é tão relevante como qualquer outra disciplina, mas que o seu modo de avaliação não é pautado em números ou padrões de beleza pré-estabelecidos, é mais no poder da transformação, no interesse, na pesquisa e no fazer coletivo.

Porém, não adianta pensarmos nesses pontos tão importantes se a escola não dá a devida importância à disciplina, se não tem material ou infraestrutura adequada para a realização das práticas ou mesmo um professor capacitado e motivado que consiga passar por cima dessas divergências e desenvolva o seu conteúdo planejado.

Contudo, temos boas expectativas, uma vez que o caminho da Dança tem conseguido melhorias no ambiente escolar e hoje ela já considerada uma área de conhecimento e de transformação e muitos professores de Artes estão em busca de uma capacitação nesse campo, para terem aulas mais diversificadas. Temos também as faculdades de licenciatura em Dança que vem formando cada dia mais profissionais que já trazem essa visão mais ampla sobre o papel e o poder da Dança e estão contribuindo muito mais para que esta arte seja respeitada e entendida como atividade artística e intelectual.

2.2. O ensino da Dança na escola

A LDB 9394/96 assegura que o ensino da Arte faz parte do currículo obrigatório da Educação Básica e que Dança, Teatro, Música e Artes Visuais, devem ser contempladas e oferecidas aos alunos. Porém o que geralmente acontece é que uma maior parte das escolas desenvolve as Artes Visuais e as outras áreas sendo ignoradas, seja pela falta de conhecimento e capacitação do professor e/ou interesse por essas áreas e quando a Dança é ofertada, muitas vezes é oferecida pelo profissional de Educação Física que tem uma visão muito diferente do que o professor de Arte.

Deve-se ressaltar também que, para que aconteça o ensino da Dança na escola, dentro da disciplina de Artes, temos que levar em questão diversos apontamentos e dificuldades que o professor pode encontrar para a sua realização. Como primeiro ponto a ser destacado é saber com quem estamos lidando, que tipo de aluno iremos nos deparar. É por isso que, Verderi (2009) sugere que o professor reconheça que cada aluno traz um conhecimento sobre o seu corpo e que este deve despertar o interesse do aluno para conhecer além e entender o movimento. Ele deve evitar trabalhar apenas na repetição de movimentos e que respeite a

criatividade e originalidade de cada aluno. Ele também deve pensar que não estamos em busca de uma dança certa ou errada, mas que exista a vontade de se movimentar, que se envolva com aquilo que a aula propõe e adaptar-se de acordo com a história e a vivência de cada um. Seria tudo isso muito bonito se não tivéssemos outros agravantes.

A criança do Ensino Fundamental I necessita de experiências que possibilitem o aprimoramento de sua criatividade e interpretação, atividades que favoreçam a sensação de alegria, (...) liberdade de movimento, da livre expressão e do desenvolvimento de outras dimensões contidas no inconsciente. (VERDERI, 2009, pág. 67).

Sem entrar no mérito de quem está mais capacitado para ministrar essa aula, mas partindo do pressuposto que a escola tenha uma disciplina de Artes e que a Dança tenha a oportunidade de ser um dos eixos de estudo da disciplina, eis que vem à tona outra questão: Por que estudar Dança? E, a partir desse questionamento, Marques (1997) levanta diversos apontamentos do tipo: Em qual disciplina a Dança realmente seria ensinada? Qual seria o nome dentro da disciplina? Dança? Expressão Corporal? E para que serve a Dança? Para relaxar? Para desenvolver o trabalho em equipe? Outra disciplina não conseguiria fazer o mesmo trabalho? E, por fim, a Dança seria apenas para as festas de fim de ano? É uma série de indagações que faz o professor pensar duas vezes se realmente é interessante ensinar a Dança na escola. Afinal muitos acreditam que ela se aprende somente "nas ruas", dançando. Por isso, mesmo com esses contratemplos, Marques (1997) considera que a dança, além de ser uma prática corporal que serve para relaxar, expressar emoções e trabalhar a coordenação motora, é acima de tudo uma forma de adquirir conhecimento estético, possibilitar que sejamos críticos e possamos viver em sociedade e não há um lugar melhor do que a escola para que essas ações sejam realizadas.

Talvez seja este o momento mais propício para também refletirmos criticamente sobre a função/papel da dança na escola formal, sabendo que este não é – e talvez não deva ser – o único lugar para se aprender dança com qualidade, profundidade, compromisso, amplitude e responsabilidade. No entanto, a escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isto aconteça e, enquanto ela existir, a dança não poderá continuar mais sendo sinônimo de "festinhas de fim-de-ano". (MARQUES, 1997, pág. 21).

Outro ponto levantado pela autora é em relação aos preconceitos que existem em relação à Dança. A começar pelos próprios professores que muitas vezes mudam o nome "Dança" para termos mais confortáveis com o intuito de tentar atrair os alunos, utilizando nomes como Arte e Movimento, Expressão Corporal etc. Isto porque muitos estudantes,

principalmente os meninos, podem não aceitar fazer a aula por achar que seja uma coisa de menina, muitos ainda assimilam a Dança com o balé clássico, que para grande maioria das pessoas é visto como algo para as meninas. Um segundo preconceito seria simplesmente a dificuldade em trabalhar o corpo no contexto no ensino da Dança. Esse preconceito traz uma concepção de que trabalho é uma violação, onde o aluno não poderia ter contato com o corpo do outro. E por último temos um tipo de julgamento que é como muitos veem a Dança e o artista na sociedade, como se fossem pessoas loucas, "bicho grilo" e que quando assistem uma dança, e esta não apresenta passos socialmente reconhecidos, ela é feia, é suja e não faz sentido.

Mesmo que tenhamos conseguido superar as marcas negativas da história, uma visão ingênuas para o ensino de dança, os pré-conceitos, ainda temos dificuldades no Brasil para obtermos informações, temos experiências práticas e discussões críticas em relação ao ensino da dança. Na grande maioria dos casos, professores(as) não sabem exatamente o que, como ou até mesmo porque ensinar dança na escola. (MARQUES, 1997, pág., 22).

Pior do que os preconceitos é a falta de conhecimento por parte de quem ensina. Os professores, às vezes, não sabem dizer como ou porque ensinar Dança na escola, porque estão muito presos à estrutura de montar a dança somente para as festas. Inevitavelmente, muitos desses profissionais também não tiveram uma vivência com a Dança, seja como bailarino, coreógrafos ou licenciados em Dança e também não dispõem de conhecimento pedagógico/formação para utilizar em suas aulas. E esse descaso em relação à Dança que faz aumentar os questionamentos, os preconceitos, a falta de interesse e o papel transformador da Dança. Seria muito mais proveitoso se o professor conseguisse fazer um estudo sobre a história da quadrilha nas festas juninas, ou se querem dançar funk ou axé, que conseguisse explicar e entender essa linguagem ou trabalhar com a realidade dos alunos, buscar movimentos que tem a ver com aquilo que gostam. A Dança abre portas para muitos questionamentos e para as práticas corporais, basta o professor saber e querer trabalhar isso.

E é nesse ponto que a autora Marcia Strazzacappa (2001) defende que o trabalho de Dança com os professores é tão importante para sua formação como também serve de referência para os seus alunos. É claro que queremos que os estudantes tenham sua própria identidade corporal, mas é preciso que o professor consiga conduzir a aula, que seja uma referência onde possa desenvolver uma proposta com a intencionalidade proporcionando um ambiente propício para a construção do conhecimento do aluno. Ao invés de se limitar em apenas reproduzirem movimentos que as crianças assistem nas mídias sem nenhum

entendimento do por que daqueles passos. Então, se o professor generalista tiver a intenção de trabalhar a Dança na escola, é necessário que este profissional desenvolva um trabalho corporal a parte, como uma complementação curricular, para entender o que irá trabalhar com os seus alunos e estes possam espelhar em suas experiências para criar a sua própria dança, e a televisão, as músicas, o cinema ou as vivências fora da aula seja um complemento para melhor desenvolver essa arte.

Os professores, ao sentirem no corpo estas descobertas, podem compreender melhor o que se passa nos corpos de seus alunos, crianças ou adolescentes. Ao experimentarem o prazer do movimento e os benefícios que estes trazem, tanto para o físico quanto para o mental, podem ver com outros olhos estas atividades na escola. E o mais importante, ao invés de simplesmente “memorizarem” passos coreográficos, estes professores terminaram a oficina com um instrumental muito maior para realizarem suas próprias criações. (STRAZZACAPPA, 2001, pág. 77).

Então, sabemos que a disciplina de Dança, na perspectiva da Arte, tem um papel fundamental dentro da escola e para o desenvolvimento do aluno. O que é necessário agora é saber como trabalhar essa linguagem, de qual maneira o aluno poderá ter acesso e conhecimento da Dança, de quais metodologias o professor (este que já tem conhecimento em Dança e que conseguiu vencer as barreiras sobre o ensino dela e que será referência para os seus alunos) irá fazer uso para desenvolver sua aula.

2.3. A Abordagem Triangular e o ensino da Dança

Como dito anteriormente, este trabalho propõe a apreciação de filmes como uma proposta didática no ensino da Dança na escola no Ensino Fundamental, e para isso é preciso pensar numa proposta de ensino. A proposta busca colocar em prática essa forma de ensino e de produção de conhecimento estético, percebendo que o ensino da Dança não é somente uma prática corporal, mas entender também a sua importância, contextualizar e mesmo apreciar essa arte. Esse pensamento se identifica com a Abordagem Triangular de Ensino da Arte, apresentado por Ana Mae Barbosa (1998), que não deve ser visto como uma metodologia, mas mostrar um caminho que dialoga com as propostas que o professor irá utilizar em sala de aula.

A Proposta Triangular (...) é de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. (BARBOSA, 1998, pág. 33).

A abordagem triangular trabalha com três vértices para o ensino da arte, o contextualizar, o apreciar e o praticar a arte onde cada um desses eixos se completa e quando conciliam esses três eixos com o ensino da Dança, eles podem ser entendidos da seguinte maneira, conforme Isabel Marques (2010) elencou: **contextualizar** a dança é o mesmo que entender aquilo que é ensinado, é entender a história da dança, pesquisar sobre os diferentes estilos de dança, sobre coreógrafos, danças típicas de uma região, porque dançam um tipo de dança. É também relacionar com as outras áreas de conhecimento e com outras disciplinas da escola que possam colaborar para o entendimento de uma dança. Em relação à **apreciação** no ensino da Dança a proposta é desenvolver um olhar crítico do aluno sobre aquilo que ele assiste, saber interpretar e mesmo conceber ou formar uma opinião sobre o que é apresentado. E, por fim, temos o terceiro eixo que é o **fazer**, é a oportunidade de o aluno colocar em prática tudo aquilo que já foi vivenciado e apreciado, é poder conhecer o seu corpo, é poder criar uma nova dança ou desenvolver aquelas que foram apresentadas e já existe um entendimento sobre a temática. Como dito anteriormente, a abordagem contribui como um norte para estruturar o ensino da Dança, e será o papel do professor buscar uma melhor metodologia para o ensino dela na escola.

A abordagem da dança enquanto arte diz respeito à educação do indivíduo que compartilha em sociedade suas diversas maneiras de ver, de ler, de fazer e de pensar-sentir sobre si mesmo no mundo. (...) Assim, propiciamos diálogos múltiplos e multiformes entre o conhecimento, os cidadãos e o mundo em que vivemos. (MARQUES, 2010, pág. 56).

Ainda sobre o tema, a autora Regina Machado (2010) considera que a Abordagem Triangular é um convite para o ensino e que o professor pode fazer uso para aprofundar o seu conhecimento no ensino da Arte, e os três eixos de aprendizagem apresentados anteriormente, aqui são chamados pela autora de Produção, Leitura e Contextualização. Isto porque, que seja na Dança, nas Artes Visuais, ou na Música, é fácil perceber e compreender como essa abordagem reflete no ensino-aprendizagem como um ponto de partida para uma busca pessoal de ações para o ensino e não como um manual de como dar aula.

Não basta compreender que é possível aprender arte por meio de três eixos de ações. É preciso aprender a investigar, primeiro dentro de si mesmo, um desejo e um propósito para percorrer os espaços desses três eixos. (...) A Abordagem Triangular é um convite ao percurso pessoal e à busca do que cada artista educador poderá encontrar por trás, além das palavras de sua formulação. (MACHADO, 2010, pag. 78-79).

O primeiro eixo que a autora denominou como **Produção** é o ato de colocar em prática aquilo que é aprendido em Arte, é desenvolver e criar uma coreografia, é desenvolver um pensamento crítico e dialogar sobre o que é vivido e estudado. O segundo eixo **Leitura** é o contato do aluno com a obra de arte, é a capacidade de perceber e experimentar esteticamente a Dança. E, por fim, o terceiro eixo chamado de **Contextualização**, é similar com a mesma nomenclatura apresentada por Marques (2010), que produz uma reflexão pessoal sobre a Arte através de variados contextos, seja através da história, da cultura, de movimentos artísticos, leituras e pesquisa sobre o fazer artístico.

É interessante perceber que estas nuances da proposta da Ana Mae Barbosa (2010) reforçam a importância da abordagem triangular tão presente e atual no ensino da Arte e, principalmente quando o professor busca uma aula diferenciada e que queira promover possibilidades para que o aluno construa o seu conhecimento, visto que uma aula de Arte, em especial a Dança, não é algo exato, palpável, está muito mais na vivência, no diálogo, nos estímulos que o professor oferece e no processo. Por isso, é tão importante contextualizar, apreciar e fazer arte, para que assim o ensino seja eficaz e não apenas a busca de um produto pronto, sem alma.

A Abordagem Triangular é até hoje referência no ensino das Artes na escola, e conforme defende Barbosa (1998), essa Abordagem tem como característica de ser interacionista, dialogal e por articular Arte como expressão e como cultura em sala de aula.

A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isso e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino de arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade. (BARBOSA, 1998, pág. 41).

Quando se trata da Abordagem Triangular, ela deve ser pautada na interação entre o professor, aluno, o conteúdo e o meio, conforme explicou Ana Mae Barbosa, e por isso, deve expressar a trajetória e experiências do aluno como forma de transformar tudo isso numa fonte de material para estudo. E o campo da arte é o melhor lugar para se observar o emprego da Abordagem Triangular e como essa proposta pode oferecer um campo de visão abrangente para se entender, explorar e criar a arte.

É um fato que a Abordagem Triangular seja um modelo de referência para o ensino da Arte e que uma metodologia pautada no tripé proposto por Ana Mae Barbosa (1998) será muito mais assertiva para desenvolver uma proposta de ensino.

Vale ressaltar que, conforme demonstra Lima (2011), encontramos diferentes abordagens no ensino de arte: tradicional, livre expressão e sociointeracionista. No primeiro caso, refere-se à uma aula tradicional de Arte onde o aluno só copia ou memoriza modelos prontos e existe uma repetição de atividades, ou seja, se pensarmos numa aula de Dança é justamente o perfil de aula que não queremos, onde só aprende coreografias prontas e apresentações para as festas da escola. O segundo modelo, denominado de livre expressão já é voltado para o processo do aluno durante as aulas, sendo o resultado o fator menos importante. É levada em consideração a iniciativa do aluno e valorizado o que é produzido. É um modelo menos mecanizado do ensino. E, por fim, o terceiro modelo, é uma proposta sociointeracionista, que leva em consideração diversos fatores como o conhecimento que o aluno já possui e as experiências adquiridas fora da escola e são trabalhados os três aspectos com o aluno, a produção (o fazer artístico), a apreciação (interpretar obras artísticas, ter material de pesquisa) e a reflexão (contextualizar e pesquisar).

Na perspectiva sociointeracionista, o fazer artístico (produção) permite que o aluno exerça e explore diversas formas de expressão. A análise das produções (apreciação) é o caminho para estabelecer ligações com o que já sabe e o pensar sobre a história daquele objeto de estudo (reflexão) é a forma de compreender os períodos e modelos produtivos. (LIMA, 2011, pág. n.p.).

Como se pode perceber, é o mesmo caminho proposto pela Abordagem Triangular porque, nesse caso, também são considerados os três aspectos como complemento, onde um não é mais importante do que o outro. Se pensarmos em uma aula de Dança, essa seria uma ótima sugestão, se tiver em mente o conhecimento prévio do aluno em relação à Dança, ou o que ele vivenciou fora da escola, o desenvolvimento de um trabalho coreográfico sem ficar preso em coreografias prontas, contextualizar o aluno para o que será trabalhado através de pesquisa, exibição de filmes que mostram a temática escolhida e uma reflexão sobre a importância daquela dança, onde o aluno possa analisar e fazer uma leitura mais crítica sobre a Arte.

Isabel Marques (2003) faz uma interessante analogia de como deve ser vista a metodologia utilizada pelo professor, onde ela é o caminho a ser seguido em busca de um objetivo e qual seriam as vias e atalhos para chegar ao destino, e as estratégias utilizadas seriam os meios transportes que podem colaborar nesse percurso, porque o maior desafio do ensino de Dança é pensar numa metodologia que não fique presa em modelos prontos, apenas na repetição de movimentos. É preciso repensar, pesquisar e propor novas formas de ensino.

A escolha da metodologia de ensino precede a escolha procedimental, vem antes do planejamento das atividades de aula. Só é possível escolher e avaliar um procedimento (meio de transporte) em função de uma metodologia de ensino (a estrada a ser percorrida) e esta só poderá ser escolhida e avaliada se conhecermos a didática (o mapa). (MARQUES, 2003, pág. 139).

Temos que pensar numa forma adequada do ensino de Dança na qual o professor tenha consciência dos seus objetivos, ter em mente qual é a Dança que irá levar para a sala de aula. E como ele pode levar um filme de dança como um recurso educacional transformador. Por isso, é importante que o professor saiba que o aluno é um corpo pensante, criador e deve promover o diálogo oferecendo propostas didáticas que fomentam esse objetivo.

Marques (2003) sempre reforça a ideia de que o professor deve ver a Dança como Arte e não como uma mera atividade a serviço do educador. É claro que a aula de dança pode contribuir para que o aluno se conheça, entenda seu corpo, tenha uma melhor interação com os seus colegas, que contribua para diminuir a violência na escola, promova um melhor relacionamento interpessoal, mas acima de tudo é Arte, uma forma de conhecimento e que busque propostas que faça com que o aluno perceba as coisas que estão ao seu redor de forma mais ampla, com profundidade e clareza e as mudanças que o mundo passa. E uma proposta pensada na Abordagem Triangular é uma excelente estratégia para que isso seja possível.

Com base em Ana Mae Barbosa sobre o ensino-aprendizado das artes visuais, percebemos que compreender a dança enquanto arte implica ampliar o conceito de dança e de seus conteúdos. Ou seja, o fazer dança em suas várias formas (improvisação, repertório, técnica) deve ser articulado à apreciação e à contextualização em dança/ arte, para que seja aprendida e compreendida como linguagem artística. (MARQUES, 2003, pag. 153).

Portanto, o professor deve buscar estratégias (ou meios) para traçar um melhor caminho (metodologia) em busca de um objetivo final. Por exemplo, se vamos trabalhar com uma proposta didática relacionada à apreciação de filmes de dança que possam colaborar para o ensino e a contextualização do seu aluno, o professor deverá promover um trabalho interdisciplinar entre a Dança e o Cinema para um melhor entendimento sobre o tema, e esse diálogo é algo que pode contribuir positivamente na aula.

3. DIÁLOGO ENTRE DANÇA E CINEMA COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA DO ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA

Algo muito comum em sala de aula e que Santos (2013) fez questão de pontuar é que existe um desinteresse por parte dos alunos quando a aula fica presa numa estrutura tradicional de ensino. Afinal o que seria da Arte se os aprendizes não fossem estimulados a criar e a pensar. É importante destacar que um fator que influencia no uso de uma nova tecnologia ou mesmo a exibição de um filme é o preparo ou despreparo dos professores para utilizar estes recursos e se eles realmente têm interesse em buscar uma aprendizagem de qualidade, sendo necessário que busquem entender e aprimorar as possibilidades de ensino. Não adianta o professor ter o interesse em passar um filme, mas sem ter um conhecimento prévio sobre o material, ou se sabe utilizar os recursos tecnológicos da escola e o mais agravante, se a escola possui estes recursos, como TV e vídeo. Na investigação desse trabalho, é levado em consideração que a escola ou professor tenha a condição de exibir filmes para os seus alunos e tendo a consciência que a intenção de utilizar o vídeo será para desenvolver um trabalho da Dança.

Os recursos didáticos são de importância capital para uma aprendizagem significativa, desde que seja utilizado como meio e não como fim em si mesmo, por profissionais capacitados que conheçam de fato suas potencialidades educativas. Podem possibilitar ao educando um estudo da realidade local, ampliação da capacidade de observação do mundo que o rodeia e a construção da autonomia. (SANTOS, 2013, pág. 04).

A partir do momento que o professor utiliza o recurso de exibir um filme como uma proposta didática ele tem que estar ciente que essa é uma estratégia para evitar que as aulas fiquem monótonas, e não que seja apenas a transmissão de um conteúdo. Santos (2013) também afirma que dessa maneira, o aluno passa a ser um agente ativo de sua própria aprendizagem, que estará mais motivado e interessado em aprender. Ao preparar sua aula, o professor deve levar em consideração se a escola possui meios para utilizar o recurso do filme e deve refletir sobre a real necessidade da apreciação cinematográfica, onde ela vai contribuir para desenvolver o conteúdo e não como uma distração da aula.

Ainda sobre essa ótica, Wagner (2012) completa que a escolha de filmes em sala de aula deve ser aquela que alargue os horizontes, que estejam dentro dos objetivos curriculares que são propostos dentro de cada turma. E as possibilidades de filmes de dança são infinitas desde que estas possam complementar as aulas e não como recreação para os alunos.

O professor não pode levar os filmes para a sala de aula simplesmente para preencher o tempo ou para recrear seus alunos. O mínimo que se espera é que o professor assista os filmes, programe no início do ano os filmes a que vai assistir com seus alunos, sempre numa perspectiva de conjunto, programa do ano, combinando com a complementaridade dos filmes. (WAGNER, 2012, pág. 33).

Se pensarmos na escola na contemporaneidade é quase impossível pensar numa aula de Arte onde os alunos apenas sentam-se em suas carteiras e copiem a matéria. Se for trabalhar com música, o professor deve possibilitar que seus alunos criem e toquem instrumentos, se estudarem teatro, que assistam peças de teatro, produzem espetáculos, e se vai desenvolver um trabalho de Dança, são inúmeras as possibilidades também, e o Cinema, que tem a junção de todas as outras artes (daí denominada de sétima arte¹) pode oferecer conteúdos que permitam a criatividade do aluno. Wagner (2012) ainda acrescenta que a interdisciplinaridade entre as artes permite a utilização de filmes em sala de aula e, com isso, torna as aulas mais interessantes e colaboram para uma formação estética dos estudantes. Pensar na exibição de filmes como uma proposta didática na aula de Dança é entender que uma arte pode dialogar com outra e oferecer diversas possibilidades de ensino e entender que este recurso vai muito mais além do que apenas uma distração, pode ser uma grande contribuição na transmissão do conhecimento dos diversos estilos de dança.

O cinema é gerador de possibilidades infinitas nas combinações das artes, permite a criatividade e a autonomia. É eclético, mas fundamentalmente, é cooperativo no âmbito escolar, pois as tribos poderão mostrar seus pontos de vista entre si, melhorando a qualidade das artes, da comunicação e do conhecimento. (WAGNER, 2012, pág. 54).

A interdisciplinaridade pode ser definida como uma união de duas ou mais disciplinas ou mesmo áreas de conhecimento, como é o caso da Dança com o Cinema. O que deve ser entendido é que dessa união exista o diálogo entre uma área e a outra.

É preciso que todos estejam abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude de abertura para o diálogo no decorrer do trabalho em equipe interdisciplinar. (FAZENDA, 2006, pág.136).

Além disso, Fazenda (2006) descreve que a interdisciplinaridade é uma relação entre áreas que estão abertas para novas descobertas e propiciando a aquisição de novos conhecimentos.

¹ O cinema é uma arte multidisciplinar e não foi por acaso que foi denominado a sétima arte, pois contém literatura, teatro, arquitetura, pintura escultura, música e proporciona oportunidades de os estudantes aprenderem sobre o passado, o presente e verem o futuro projetado na tela. (WAGNER, 2012)

A interdisciplinaridade pode ser um recurso para o ensino, ou mesmo para um trabalho diferenciado no ensino da Arte, sendo este um dos maiores objetivos da escola contemporânea, como afirma Caldas (2017).

Trabalhar com arte envolve muito mais que um contato com as obras, envolve uma oportunidade de analisá-las, desenvolvendo a sensibilidade e a percepção visual. A interdisciplinaridade, nesse contexto, é fundamental para que os alunos possam construir saberes artísticos, se utilizando de diferentes materiais e produções. (CALDAS, 2017, pág. 163).

Além disso, esse diálogo entre as artes deve ser uma forma de potencializar o ensino, e não apenas uma forma para preencher a aula. Saber utilizar os diferentes materiais e/ou produções que contribuem para a construção dos saberes artísticos do aluno e com um aprendizado mais motivador, já que é papel da escola estimular o conhecimento através de recursos didáticos que tem em mãos, a fim de evitar uma aula tradicional, apenas na repetição ou na cópia de um conteúdo.

O ensino da Dança nas escolas não é simplesmente a transmissão de passos prontos e que se espera que todos os alunos consigam repetir os movimentos ou mesmo focar apenas em apresentar coreografias para a festa junina, dia das mães ou formatura. O ensino pode e deve ser algo muito mais representativo, aprofundando o conhecimento de seus alunos, na busca de uma identidade corporal, o entendimento e a história de um movimento e formar um aluno crítico e com uma maior visão do mundo. São diversas as maneiras que a Dança pode ser trabalhada e visando esses objetivos descritos acima, um recurso didático que pode colaborar para isso é o recurso audiovisual, no caso filmes de dança.

Pereira [s.d.] deixa bem clara a importância do uso de filmes em sala de aula e o professor tem que estar atento que a utilização desse recurso deve estar atrelada ao conteúdo proposto, ou seja, se a exibição daquele filme fará sentido para aquilo que será ensinado. E o professor tem que ter bastante conhecimento do seu público alvo e deve apresentar um filme que promova o interesse dos alunos e ao mesmo tempo contribua para formação de um público cinematográfico. Não adiantará apresentar um filme que só o professor possa gostar e que ocupe todo o horário disponível da aula. Na verdade, o filme deve ser uma estratégia de ensino de um conteúdo específico que será desenvolvido na aula da dança.

O mesmo pode-se dizer em relação ao uso de um filme de dança como contribuição no ensino de uma aula de Dança, porque ele consegue captar e transmitir movimentos que muitas vezes os alunos não perceberiam em uma apresentação ao vivo. A câmera consegue atingir outros pontos de visão e mesmo transmitir a intensidade do bailarino, além de que, muitas das

vezes este é o primeiro contato que um aluno tem com em estilo específico de dança, conforme observou Duarte (2015).

A proposta do cinema como imagem projetada oferece a singularidade de fazer ver o que não foi percebido pelas pessoas. Uma possibilidade de resgatar essa percepção é no ato de focar, de aproximar, de resgatar no grande espaço concedido, algo que aparentemente não apresentava força de atração. (DUARTE, 2015, pag. 149).

O cinema surgiu como uma criação dos irmãos Lumière, na França, em 1895 quando apresentaram para o mundo as primeiras imagens em movimento para um seleto grupo. O registro em questão era o vídeo intitulado *A chegada do trem na estação* (L'Arrivée d'un train en Gare de La Ciotat/ 1895), onde mostrava literalmente a chegada de um trem. Outros registros foram feitos e eram apenas ações rápidas e simples do cotidiano, apenas para mostrar essa inovação tecnológica. No início, a Dança era apenas uma representação do movimento no cotidiano, como presente nos outros vídeos, sem nenhuma necessidade de mostrar um estilo de Dança ou contar uma história. Bastos (2012) faz um levantamento ao explicar que o cinema ainda engatinhava para mostrar do que era possível de se projetar e, dentro dessa arte, a Dança estava lá presente e somente anos mais tarde, após diversos experimentos, como os da bailarina Loie Fuller que usou o recurso cinematográfico para criar um movimento com tecidos, e a cineasta Maya Deren que criou um jogo de movimentos e diferentes enquadramentos para a melhor percepção do movimento, que a Dança passou a ser um elemento importante dentro de um filme.

Nos primeiros momentos, o cinema era apenas uma inovação tecnológica, parece bastante coerente que as primeiras aparições de dança em película tenham sido meros registros e testes, e quase não tenham sido observadas interações entre dançarinos e câmera. (BASTOS, 2012, pág. 01).

Quanto mais a história do cinema tomava mais forma, tornando uma das Artes mais acessadas pelas pessoas, mais a Dança aparecia nos filmes. Quando o cinema ainda era mudo, o trabalho corporal dos atores já mostrava o poder do movimento para se contar uma história e com o advento dos musicais, a Dança passou a ser um ponto de destaque dentro das obras, seja para ilustrar melhor um filme, seja para complementar a história. E é pensando nesses aspectos, que a autora Ana Paula Nunes (2008) diz que a Dança nos filmes exerce três possibilidades de relação com o Cinema que podem ser denominados como contrato unilateral, bilateral ou consensual.

No primeiro caso, **contrato unilateral** é o que se pode ser observado nos filmes da era do ouro dos musicais, a Dança é como um espetáculo a parte, que não interfere na história, é apenas um vislumbre para os olhos e poder mostrar a técnica aprimorada de Dança dos bailarinos/atores. Temos como exemplos os diversos musicais da era de ouro de Hollywood, onde a dança apenas servia para preencher a tela, sem interferir nas tramas. Na segunda possibilidade, intitulada de **contrato bilateral**, é quando uma arte depende de outra para contar a história, como, por exemplo, o filme Amor, Sublime Amor (West Side Story / 1961) que inicia com uma briga de gangues, mas de forma coreografada, ou mesmo o filme Sob a Luz da Fama (Center Stage / 2000) que acompanha o percurso de uma escola de dança que está ensaiando um espetáculo de balé e ao final somos apresentados ao resultado do produto final. Como último **contrato, o consensual**, é o uso de uma arte em prol da outra, por exemplo, é você realizar um movimento de dança, utilizando todos os recursos que um filme pode contribuir como iluminação, enquadramentos e sons, como observados, por exemplo, em videodanças, onde a dança dependente do trabalho do vídeo para que ela possa apresentar uma estética ou apresentar algum sentido.

Não é só vídeo, nem só dança, muito menos o somatório simplesmente das duas linguagens, é um hibridismo de duas formas representativas de comunicação, que pode e deve utilizar a riqueza das possibilidades de material expressivo para construir narrativas, discursos, pensamentos e reflexões. (NUNES, 2008, pag. 10)

Como já dizia Maria João de Castro (2016), as duas Artes realizam um pax-de-deux e são diversas as maneiras que a Dança pode ser apresentada em um filme e de que modo o professor pode escolher para trabalhar com os seus alunos, ele pode apenas mostrar uma dança focada no seu valor estético, ou mostrar a sua importância, a história sobre os desafios que um estilo de dança apresenta ou mesmo por aquelas pessoas que buscam a Dança, ou mesmo ser um experimento corporal, mostrar as possibilidades de criação do movimento.

Fugazes e fugidios como a própria vida, a dança, na sua absoluta efemeridade, e o cinema, na sua eternização em fotogramas que se podem repetir até ao infinito, preconizam um pax-de-deux que se estrutura continuamente em traços de movimento, numa miscigenação de fazer artístico e criativo que só poderá continuar a abrir, no futuro, um infinito campo de possibilidades. (CASTRO, 2016, pág. 174).

Exemplos são muitos e existem diversos filmes que trabalham e apresentam os vários estilos de Dança e, mesmo os filmes sendo realizados como forma de entretenimento, pode ser um excelente material para trabalhar em sala de aula e são diversos os modos de realizar atividades com os alunos, pensando nesse recurso didático, seja através de uma pesquisa, um

convite para a disciplina ou introdução ao estilo, ou simplesmente uma reprodução coreográfica. E como bem pontuou Marques (2010), a apreciação da Dança, seja por meio da exibição de filmes, é uma possibilidade para outras leituras sobre a Dança, como também promover um diálogo entre intérprete, criador e público, e não uma perda de tempo, como alguns insistem em dizer.

As aulas de dança têm se proposto incorporar a função de também ensinar e aprender a apreciar, comentar, observar, analisar, decodificar, criticar trabalhos de dança. Um desenrolar mais consistente na educação de apreciadores de dança em nossas salas de aula ainda tem sido impedido por preponderarem afirmações do senso comum de que apreciar danças em sala de aula – assistir à dança dos colegas, a DVDs, a espetáculos etc. – é “perda de tempo”, pois o “corpo esfria” e “não é dançar”. (...) Caso não nos preocupemos em educar apreciadores de dança, ou seja, que o papel de apreciador seja internalizado por nossos alunos, estaremos também interrompendo diálogos e leituras possíveis que se cruzam entre intérpretes, criadores e público nos trânsitos de seus corpos. (MARQUES, 2010, pág. 45-46).

4. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, a metodologia foi pautada em uma pesquisa qualitativa, pois como nos aponta Gil (2002) esta tem como principais características trazer informações que podem ilustrar o tema proposto, além de conhecimentos mais aprofundados para a compreensão do tema. Além disso, teve um caráter de um estudo exploratório conforme explica Gerhardt e Silveira (2009).

A pesquisa básica objetiva gerar novos conhecimentos e a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. (GIL apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, pag. 34 -35).

Para mais, este trabalho teve também uma pesquisa participante, conforme expressa Gerhardt e Silveira (2009), onde a pesquisa é caracterizada pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas investigadas, e neste trabalho eu tive uma interação com o grupo a ser observado, no caso os alunos da escola assistida e como o meu trabalho de pesquisa foi moldado de acordo com os comandos que foram solicitados por mim.

Os referenciais para tal levantamento foram obras e autores que abordaram sobre o ensino de arte na escola, como a Dança e o Cinema. Foram utilizados livros, artigos acadêmicos, sites, periódicos, filmes, documentários e materiais oferecidos ao longo do curso de Dança, que puderam colaborar para o trabalho.

E também, foi necessária a realização de um atelier de Dança como exercício para o desenvolvimento de uma proposta didática, juntamente com colegas de Artes. Foram três alunas egressas do curso de Dança da UFMG Ana Carolina Quirino, Bárbara Almeida e Maria Paula Carvalho, um aluno das Artes Visuais da UFMG Wendel Martins, uma aluna do curso de Cinema da PUC-Minas Ana Clara França e puderam colaborar na estruturação da proposta didática, possibilitando que o atelier fosse um local de troca, aprendizados e reflexões como define Facco (2017).

O atelier é um local de trabalho, de criação e experimentação, onde a incubação de ideias, o ócio, também é essencial para o desenvolvimento da conduta criadora. Lugar onde se organizam os pensamentos, em que se constroem novos, ou mesmo onde se misturam todos. (...) O ateliê passou de um espaço de criação para um lugar de criação, e assim, o que antes era considerado um espaço físico fechado, uma sala, um imóvel com número identificado, agora se expandiu para além de suas paredes. (FACCO, 2000, pág. 216).

Os encontros desse atelier foram realizados por meio de vídeo chamadas e todas as ideias, sugestões e resultados foram registrados para que no final fosse possível gerar uma reflexão crítica e interpretativa dos dados levantados, para a realização da proposta didática.

4.1. Atelier para elaboração de uma proposta didática do ensino aprendizagem em dança a partir do diálogo entre Dança e Cinema

Quando informo que tenho como objetivo em apresentar e colocar em prática uma proposta didática no ensino da dança fazendo o uso da apreciação de filmes de dança, estou partindo do pressuposto que a escola tem o espaço e materiais disponíveis para a realização dessa prática, além disso, que já exista uma vontade e um pré-conhecimento do professor que almeja trabalhar a Dança com os seus alunos, porque chegar até esse ponto já foram superados muitos os desafios que o ensino da arte passa para conseguir se estruturar como uma disciplina tão importante como qualquer outra da escola. E quando se escolhe em trabalhar a Dança, isso é algo que o professor já veio estruturando muito antes de iniciar as aulas, algo que já foi incluído em seu plano de ensino para as suas turmas.

O meu interesse em querer incluir a apreciação cinematográfica é pelo vasto material de pesquisa que temos em mão, o meu conhecimento prévio em diversos filmes e uma excelente forma de potencializar o ensino, e como vimos anteriormente, é possível o Cinema colaborar para uma aula de Dança, mesmo que apenas como uma exibição e a não necessariamente buscar um movimento, num primeiro momento.

Mas como seria o uso desses filmes em sala de aula? As possibilidades são infinitas, porém é necessário fazer um recorte com uma turma específica para ver como seria a aplicação de uma proposta didática e observar os resultados obtidos, e para isso é necessário pensar num plano de aula e o uso de uma proposta de ensino. Para iniciar essa etapa do meu trabalho fez-se necessário a criação de um espaço de troca de conhecimentos, denominado nesta pesquisa de atelier.

De acordo com Pequeno (2011), o atelier é um espaço onde vários artistas e até mesmo de linguagens diferentes podem trabalhar em parceria, além de ser um local de experimentação e vivência, e essa é a ideia de se fazer o atelier, onde eu possa discutir com outros colegas do curso da Dança, ou de outras áreas como o Cinema e Artes Visuais, por exemplo, e montarmos juntos uma proposta de aula pensando no diálogo dessas duas artes,

porque além da troca de ideias, vai ser essencial para observar outros pontos de vista e também a possibilidade de aprendizagem.

O ateliê não é mais o lugar de isolamento do artista, mas de diálogo, ponto de contato e de interlocução, de encontro com o outro e abertura para o desconhecido. (...) Além de espaço de produção e exposição, o ateliê também é utilizado para oficinas, lançamento de livros, conversas com artistas, eventos que, inclusive, ajudam o espaço a ser gerido. (PEQUENO, 2011, pág. 66).

Quando pensamos em atelier, podemos ter uma ideia de um espaço físico fechado, muitas vezes voltado para as artes visuais, mas a estrutura de um atelier contemporâneo mudou muito, porque você pode exercitar a arte em qualquer espaço, desde que denominado atelier. Pequeno (2011) argumenta que o atelier pode ser qualquer espaço, desde um galpão a um escritório, de uma cozinha a um cyber espaço.

O Atelier comporta quase todo tipo de espaço e conceito. Do galpão ao escritório, do apartamento ao computador portátil, da cozinha alquímica ao bloco de notas, do avião à cabana rústica e desta ao cyber space. Dentro desse contexto de início de milênio, onde as novas mídias e tecnologias ampliaram as possibilidades não só do local de elaboração e feitura da obra, como também do processo, assim, fez-se necessário indagar sobre os limites e as reais possibilidades desse espaço. (PEQUENO, 2011, pág. 63).

O atelier será onde o artista estiver, indiferente do local que este for ou denominar como o seu espaço de criação, e isso é algo que Buren (1979) já questionava, se a criação da arte somente poderia acontecer em um único lugar. Então, é entender que o atelier não é um local de isolamento, é um local de diálogo, de encontro com o outro, ou como diz Pequeno (2011) um local de abertura para o desconhecido.

Dessa forma, resolvi realizar as reuniões feitas por chamadas de vídeo, em razão de estarmos passando por um momento de pandemia e atendendo as medidas de prevenção ao contágio e enfrentamento da doença viral causada pelo COVID-19, impossibilitou outras formas de encontros presenciais e em outros espaços possíveis para esta fase do trabalho. Foram encontros com datas e horas definidas, com grupos diferentes para que pudéssemos debater e formatar a proposta didática. Como o atelier pode ser qualquer espaço, resolvi usar a tecnologia como a ferramenta para constituir um espaço de aprendizado, facilitando a comunicação e o encontro de todos os participantes dessa atividade. O atelier foi formado por cinco pessoas, além de mim. Três alunas egressas do curso de Dança da UFMG Ana Carolina Quirino, Bárbara Almeida e Maria Paula Carvalho, um aluno das Artes Visuais da UFMG Wendel Martins, uma aluna do curso de Cinema da PUC- Minas Ana Clara França.

Acredito que a ideia de se fazer o atelier é de grande importância para entender e validar se realmente a proposta de utilizar filmes em uma aula de dança e perceber como os meus colegas que participaram do atelier pensam sobre a temática. Esse processo de criação e experimentação será importante para a minha construção intelectual, crítica e também uma reflexão, como sugere Facco (2017), porque as ideias são muitas, mas como colocar em prática de acordo com a realidade de cada escola, e essa interação com outros artistas pode ajudar a dar um norte e uma visão mais clara da atividade.

O atelier torna-se de grande relevância para a compreensão dos processos de produção e recepção da arte, bem como de construção da imagem do artista para si próprio e para a sociedade. Busca-se, contudo, neste momento, um mergulho nesse universo de criação e experimentação, a fim de desvelar o interior desse lugar de incubação de ideias. (FACCO, 2017, pág. 215).

Facco (2017) ainda completa que esse espaço de troca de experiências exprime muito da identidade e dos processos de vida de cada integrante e que às vezes isso não pode facilitar no processo de algo, já que cada um tem um processo e uma poética quanto ao ensino dos alunos, da criação numa aula de arte, mas debater e dialogar o ensino sempre terá mais possibilidades de sucesso para a criação de uma aula diferenciada, do que se enfrentarmos esse desafio sozinho, porque senão poderíamos optar em não arriscar e ficar preso numa estrutura de aula tradicional sem inovações. Se o objetivo é propor algo novo, o ideal é debater com outras pessoas quais as contribuições dessa proposta e quais os possíveis resultados.

Definido então a necessidade da realização de um atelier, os encontros foram iniciados.

4.1.1. Primeira reunião do atelier

Como o atelier seria realizado por chamada de vídeo, pensei em colegas da faculdade de diferentes áreas que poderiam contribuir e colaborar com o meu trabalho. Para isso, resolvi fazer um convite formal para que pudessem participar do atelier. O texto na íntegra do convite encontra-se nos APÊNDICES (Apêndice A) deste trabalho.

O convite foi enviado por meio de uma mensagem no aplicativo WhatsApp e quando tive o retorno positivo de todos, pude dar início ao atelier. Como era uma forma diferente de se trabalhar em grupo achei interessante dividir os encontros, com dois grupos distintos. Na primeira reunião iria encontrar com duas alunas formadas da Dança na UFMG (Maria Paula e

Ana Carolina) e a aluna de cinema da PUC-Minas (Ana Clara). Para o segundo encontro seria a vez da aluna egressa de Dança da UFMG (Bárbara Almeida) e do aluno de Artes Visuais (Wendel Martins), também da UFMG e somente num terceiro e, provável, último encontro estariam presentes todos os participantes para falar dos resultados obtidos e fazermos uma finalização do atelier.

Desse modo, foi realizado o primeiro encontro e posso dizer que também foi uma ótima maneira de matar a saudade das minhas colegas de sala da faculdade e, passado as apresentações, fiz um esclarecimento de todo o meu trabalho que estava desenvolvendo no meu TCC e foi necessário fazer algumas observações em relação do que eu queria trabalhar em sala de aula. Como já estava definido que a proposta didática era trabalhar a Dança fazendo o uso da apreciação de filmes de dança como contribuição no ensino ou mesmo ser um ponto de partida para que os alunos pudessem dançar, era preciso determinar quais seriam estes filmes de dança, com qual série escolar seria trabalhada essa proposta, se seriam necessários mais encontros e como eu poderia trabalhar este processo dependendo da realidade dos meus alunos e da escola escolhida. Todos esses pontos eram importantes e poderiam ser trabalhados de diversas formas dentro da minha proposta.

Mas durante a chamada de vídeo, optamos também que se eu buscasse uma amostragem de resultado para a conclusão do meu trabalho seria necessário definir um campo de atuação, mesmo que numa outra oportunidade eu pudesse trabalhar em outras situações de ensino, com outros alunos, séries e escolas. Neste momento, eu deveria focar no que foi proposto, ou seja, realizar as minhas aulas na Escola Municipal Inácia de Carvalho², em São José da Lapa, Minas Gerais com os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, que já era o meu local de interesse desde o princípio, por eu ter a facilidade de acesso e conhecer a escola. Outro aspecto importante é que essa escola também já possuía os equipamentos e o espaço necessário para receber o tipo de atividade a qual estava me propondo a realizar. Em relação aos números de encontros, também achamos interessantes que fosse possível acompanhar um bimestre inteiro junto com os alunos, pois vimos que para a proposta ser mais efetiva seria mais relevante um número maior de aulas. Vale ressaltar que a ideia de fazer todas as aulas do bimestre sobre o tema não foi descartada.

Outro ponto que também foi levantado era de como seria realizada essas aulas, devido ao momento que estamos vivendo, uma vez que estamos no meio de uma pandemia e muitas

² Essa seria a Escola que realizaria a prática, porém com o decorrer do meu trabalho tive que alterar o local. A prática seria, então, realizada na Escola Estadual Getúlio Vargas, em Belo Horizonte, conforme será explicado adiante.

aulas foram interrompidas ou estão acontecendo de modo online. Por este motivo decidi preparar as aulas pensando em um futuro próximo, quando tudo isso já terá sido resolvido e já terei um material pronto para trabalhar com turmas escolhidas. Eu até poderia adaptar as minhas aulas para uma plataforma online, verificar como seria a realização da atividade e mesmo ampliar o meu campo de pesquisa. Vale a pena destacar que seria importante para a proposta didática que os encontros fossem presenciais, pois além da exibição de filmes, tínhamos um objetivo de uma aula prática para trabalhar com a conscientização do corpo. Também poderíamos trabalhar com a criação coreográfica, a apreciação estética e observar os desafios corporais que possam surgir ao longo das aulas.

Uma das participantes do atelier também questionou porque trabalhar a Dança por meio da exibição de filmes e porque não assistir um espetáculo de dança, ou então porque não usar outra arte como inspiração, como por exemplo, a pintura. Essa foi uma questão muito pertinente, porque é certo que usarei a trilha sonora dos filmes³ para complementar as aulas, por exemplo, mas o motivo de escolher o filme como proposta é porque é a área que tenho um conhecimento mais aprofundado, com maior afinidade e, além disso, pode promover um aprendizado mais motivador, contribuir para a construção do saber artístico e uma forma de potencializar o ensino da Dança. Posso escolher filmes que irão contribuir no desenvolvimento da aula e, do mesmo modo, que se forem levantadas outras questões sobre os outros estilos de dança, eu tenho conhecimento para indicar e exibir filmes de dança que abordem o tema. Além do mais, o filme é uma arte que muitas vezes é mais acessível para o aluno e tem um valor estético de produção, atores e músicas contagiantes etc. que consiga segurar a atenção, principalmente se eu trabalhar com filmes mais conhecidos pelos alunos.

Esclarecido então o campo de estudo, a quantidade de aulas necessárias para a realização da prática e o contexto em que se encontram as escolas atualmente, era necessário definir o objetivo de ensino, o que eu queria buscar nessas aulas junto com os meus alunos. Já estava bem claro o que o meu trabalho defendia, mas eu não podia simplesmente chegar numa sala de aula, exibir um filme e dar alguma atividade referente ao que foi assistido. Era preciso objetivar essas aulas pensando na abordagem triangular, com atividades que contextualizariam o aluno, que pudéssemos apreciar um filme e realizar uma atividade prática. Já que estava decidido o trabalho de um bimestre de aulas sobre essa temática, o que os meus alunos iriam usufruir de todo esse trabalho? Pensando nisso, eu teria como objetivos,

³ Mesmo o filme sendo o principal elemento para apreciação no ensino da dança, a música também será de grande importância para criar as coreografias, mas para manter-se dentro da dinâmica dessa proposta optarei por utilizar apenas a trilha sonora dos filmes selecionados para as aulas.

ao final de todas essas aulas, que o meu aluno fosse capaz de identificar e contextualizar os padrões de movimentos nos diferentes estilos de dança e que fossem capazes de criar uma composição coreográfica inspirada pelos filmes assistidos.

Esse foi outro pensamento que veio à tona, quais seriam os filmes que seriam trabalhados em sala de aula, porque tenho uma vastidão de títulos que poderiam ser trabalhados e em diversos estilos de dança. Durante o atelier, foram citados filmes como *Ela dança, eu danço* (Step up / 2006) que apresenta o balé clássico e as danças urbanas, o filme *5x Favela – Agora por Nós Mesmos* (2010) filme nacional que tem apresentações de funk, assim como *Sintonia* (2019) série da Netflix, caso quiséssemos trabalhar essa outra realidade também com os alunos.

Por fim, antes mesmo de definir quais seriam os filmes escolhidos, achei necessário ouvir a opinião do outro grupo de convidados para o atelier e somente depois eu estruturaria essas aulas. E, com isso, finalizamos o primeiro encontro que foi bastante proveitoso e foi bem interessante ouvir a opinião das minhas colegas sobre como trabalhar o tema em sala de aula e também ouvir uma pessoa da área de cinema, que era leiga na arte do ensino da Dança, mas tinha uma visão do quanto era importante o filme e como esses poderiam contribuir para o ensino em sala de aula.

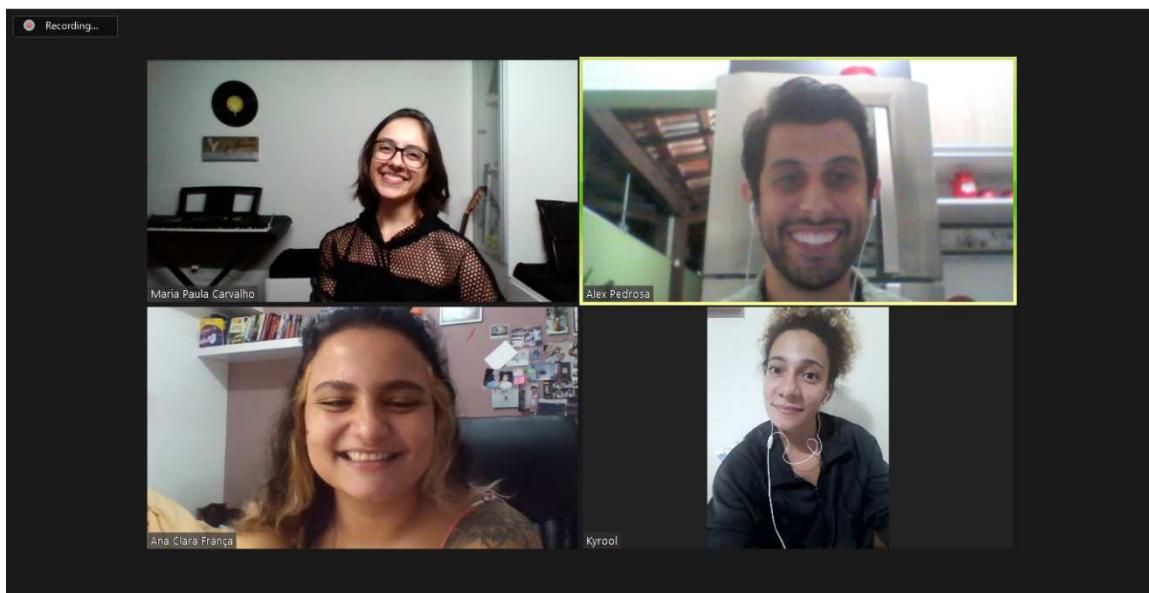


Imagen 01. Primeira reunião do Atelier de Dança e Cinema (16/06/2020).

4.1.2. Segunda reunião do atelier

Já na segunda reunião, também por chamada de vídeo, os participantes do encontro eram os dois integrantes remanescentes convidados, a Bárbara Almeida, também egressa da Dança da UFMG e o Wendel Martins, aluno das Artes Visuais da UFMG, este que já estava familiarizado com esse ambiente de atelier na construção da arte. É interessante fazer essa observação porque o início da reunião foi pautado na discussão sobre o papel do atelier e os espaços que podem ser denominados, como eu já havia ressaltado anteriormente neste trabalho embasado em teóricos sobre o tema.

Em seguida, informei aos participantes sobre todos os apontamentos que foram levantados no primeiro encontro e quais decisões já haviam sido definidas e assim, igualmente ao grupo da primeira reunião, os meus colegas também concordavam em já ter em mente uma escola já definida, os objetivos definidos ao final das aulas que seriam preparadas e pensar num trabalho para um bimestre inteiro dedicado à Dança.

Um fato interessante dessa reunião é que retomamos o diálogo sobre a possibilidade da não realização da prática pedagógica na escola, para obter alguma amostragem para o meu trabalho porque não sabíamos se iria conseguir observar o progresso dos alunos nesse tipo de plataforma online. Talvez o mais viável fosse uma avaliação oral deles após as atividades, ou então, realizar a prática com um grupo menor para um melhor aproveitamento.

De qualquer forma, os planos de aula que foram desenvolvidos por mim serão voltados para uma aula prática presencial, pensando que essa é uma fase e que futuramente voltaremos a ter o ensino presencial novamente.

Em relação às aulas que iria oferecer tendo como base a exibição de filmes de dança, o grupo da segunda reunião também entendeu a necessidade de usar filmes de dança mais conhecidos para obter um maior interesse dos alunos. Também acreditamos que se dedicar uma aula inteira para passar um filme pode ocasionar numa dispersão dos alunos e seria necessária mais de uma aula para passar o filme na íntegra (provavelmente duas aulas) e ainda teria o risco de um aluno perder a primeira parte do filme ou a segunda, caso este falte de aula. Achamos mais prudente trabalhar com filmes diferentes em cada aula, mas que de alguma forma pudessem se complementar, seja pelos estilos de dança ou realidades abordadas e, com isso, passar alguns trechos que consideram mais importantes para a aula do dia e depois sugerir que os alunos assistam em casa ou mesmo propor um clube do cinema na escola, em outros momentos fora do horário de aula.

Ainda sobre os planos de aula, os participantes do atelier também consideram pensar em atividades que irão trabalhar a Dança de forma gradual, onde o aluno primeiramente deve conhecer o próprio corpo, entender de onde começa o movimento e perceber os fatores de movimento de Laban descritos por Rengel (2003) como o tempo, o peso, o espaço e a fluência de sua própria dança.

O fator de movimento Fluência é o primeiro fator observado no desenvolvimento do agente. O conceito de Fluência tem duas formas qualitativas básicas de ser experienciado, assim denominadas: 1. Livre e/ou liberada; 2. Controlada e/ou contida e/ou limitada; Fator de movimento espaço: A tarefa do fator espaço é a comunicação. A comunicação que faz o agente se relacionar com o outro, o mundo à sua volta. A atitude relacionada ao espaço é a atenção, afeta o foco do movimento, informando sobre o 'onde' do movimento. O conceito de Espaço tem duas formas qualitativas básicas de ser experienciado, assim denominadas: 1. Direta; 2. Flexível. Fator de movimento Peso: O peso informa sobre o 'o quê' do movimento. Peso traz ao movimento um aspecto mais físico da personalidade. O conceito de Peso tem duas formas qualitativas básicas de ser experienciado, assim denominadas: 1. Leve; 2. Firme. Fator de movimento Tempo: O tempo traz ao movimento um aspecto mais intuitivo da personalidade. A tarefa do fator tempo é auxiliar na operacionalidade, isto é, proporciona elementos para a execução. O conceito de Tempo tem duas formas qualitativas básicas de ser experienciado, assim denominadas: 1. Súbita; 2. Sustentada. (RENGEL, 2003, pág. 64-70).

Em seguida, o aluno poderá criar e fazer uma troca com o outro e, por fim, estar apto para criar uma composição coreográfica com o grupo, sendo que os filmes apresentados durante o bimestre servirão para inspirar na criação do aluno. E será tão importante apreciar o filme como também apreciar a composição coreográfica realizada pelos colegas de classe, porque isso também faz parte da experiência de promover o conhecimento.

Durante a reunião foram citados filmes do primeiro encontro como sugestões para trabalhar em sala de aula, mas outros também foram lembrados, como o filme *Pina* (2011), caso eu quisesse trabalhar com a dança contemporânea, o filme *A Loucura do Ritmo* (Beat Street / 1984) que mostra as origens do break dance, já que eu também buscava mais referências de filmes que destacavam as danças urbanas, o filme *Dança Comigo? (Shall We Dance? / 2004)* sobre um exemplo de filme com a dança de salão e o filme *O Lado Bom da Vida* (Silver Linings Playbook / 2012) que apresenta uma cena de dança, em estilo livre, onde os atores não estavam presos em nenhuma técnica decodificada do movimento e dançavam do modo que os deixava felizes, uma sugestão que pode ser trabalhada também com os alunos.

Ao final de todos esses levantamentos, a reunião foi finalizada e agora a próxima etapa seria preparar o plano de ensino e os planos de aula do bimestre e, somente depois, realizar um encontro final, desta vez com a presença de todos os participantes para a finalização do planejamento.



Imagen 02. Segunda reunião do Atelier de Dança e Cinema (23/06/2020).

4.1.3. Elaboração dos Planos de Aula

Para a próxima atividade (criação dos planos) eu até poderia pedir a opinião dos meus colegas do atelier caso surgisse alguma dúvida, mas eu tinha em mãos uma quantidade de sugestões de filmes e ideias para trabalhar em sala de aula apresentadas ao longo dos encontros do atelier, além do meu conhecimento sobre o tema. Com isso, a primeira parte foi desenvolver um plano de ensino e, a partir dele, preparar as minhas aulas. Mesmo que eu só tenha a possibilidade (ou não) de fazer apenas uma amostragem com os alunos, é interessante deixar todas as aulas do bimestre estruturadas para ficar em evidência o processo gradual e contínuo do trabalho da Dança. Determinado os filmes que seriam exibidos e a forma que iria propor trabalhar durante as aulas, preparei os planos de aula referentes ao bimestre inteiro, como já havia sido decidido. O plano de ensino e os planos de aula encontram-se no item 4.2. deste trabalho.

Os planos de aula foram estruturados levando em consideração todos os apontamentos citados nas reuniões, ou seja, deixar claro o objetivo e para qual escola e para qual turma seria ofertada a disciplina, atividades práticas graduais partindo do trabalho individual, depois em duplas, pesquisa dos estilos de dança estudados e finalizando com atividades em grupo, e também, a possibilidade de apresentar mais de um filme, sendo uma chance de assistirem outros estilos de dança, outras realidades que a Dança está inserida e aumentar o interesse cultural do aluno pelas duas artes.

Ao finalizar essa etapa, surgiu a necessidade de entrar em contato com as minhas colegas de Dança que participaram do atelier, antes mesmo da reunião final. Refiro-me a elas pelo fato de que já tinham uma vivência na área do ensino da Dança e teriam um olhar mais assertivo sobre o conteúdo. Sugeri que elas lessem os planos antes mesmo da reunião final e opinarem para ver se estavam de acordo com as atividades e como as aulas estavam estruturadas. Acredito que se deixasse para verificar plano por plano no dia da chamada de vídeo, talvez a reunião pudesse ficar maçante e cansativa, principalmente para os meus colegas da área do Cinema e das Artes Visuais que não tinham a vivência em sala de aula. Não que eu estivesse privando o conhecimento deles, essa foi apenas uma forma de otimizar o nosso tempo quando acontecesse a próxima reunião.

As minhas colegas também acharam mais sensato fazer dessa maneira e enviei para cada uma os planos e tiveram um tempo para lerem o conteúdo e foi uma boa estratégia para me ajudar porque o retorno delas, após a análise, foi bem gratificante.

A vantagem de ter pessoas de fora para analisar os planos é que muitas vezes acabamos por deixar passar algum detalhe ou erro porque achamos que já está claro ou implícito em nossa escrita. Um exemplo foram os alongamentos das aulas. Eu já tinha noção de que eles aconteceriam antes da prática corporal, mas não tinha deixado isso evidenciado em meu texto e minhas colegas acharam que sempre aconteceria no início da aula, porque faltou escrever essa informação, que já prontamente alterei no meu plano.

Outros comentários foram em relação ao tempo da aula, porque as atividades, principalmente a de pesquisa, seriam realizadas individualmente. Então foi sugerido deixar essa atividade em grupo por causa do tempo, pensando na realidade das escolas e o tempo que nem sempre consegue atender a demanda da aula. Ao final dos planos também coloquei como atividade opcional a elaboração de um diário de bordo, caso não tivéssemos tempo hábil para fazer uma conversa final após a prática corporal.

No mais, as correções eram apenas detalhes na escrita ou no cuidado com o aluno, mas nada que tivesse que alterar a estrutura das aulas. Todas as atividades foram mantidas e elogiadas.

4.1.4. Terceira reunião do atelier

Após a reorganização dos planos de aula e de ensino, foi possível agendar o encontro final com os participantes e, antes mesmo dele acontecer, enviei os planos para os outros integrantes que não tinham visto ainda, e assim poderem apreciar o conteúdo e ficar inteirados

sobre o que iríamos falar na reunião final. Além disso, essa reunião seria um fechamento dessa etapa do meu trabalho e a oportunidade dos meus colegas falarem o que acharam da experiência, um feedback sobre a minha proposta didática e trocarmos mais ideias sobre o nosso amor pela Dança e também pelo Cinema.

Assim que tive a confirmação dos participantes do atelier, conseguimos realizar nosso terceiro encontro. Não descartei a necessidade de um quarto encontro caso achasse que fosse necessário dividir uma nova informação com os meus colegas, inclusive os deixei avisados, tendo em vista que a próxima etapa do meu trabalho já seria as fases de conclusão.

Dando continuidade, a reunião aconteceu de forma tranquila, agradeci por todos os apontamentos apresentados e compartilhei com todos as correções que foram feitas pelas minhas colegas e abri o espaço para fazerem alguma observação a mais. E com isso, começamos um diálogo sobre o quanto seria divertido observar as atividades com os alunos e quais os resultados seriam produzidos. Falamos também de nossas experiências e dúvidas que sempre acontecem em um ambiente escolar e do que gostamos ou não sobre o ensino das artes na escola.

Por fim, falamos sobre a realização da prática pedagógica sobre o meu tema, se realmente seria possível de ser realizada, devido ao momento em estamos passando e somente o tempo para dizer como seria essa prática. De qualquer forma, estruturei um plano de aula para uma versão online. Dessa forma, se for necessário, terei ao menos um contato com os alunos e ter uma amostragem para a minha proposta.



Imagen 03. Terceira reunião do Atelier de Dança e Cinema (09/07/2020).

Após essas reflexões e as trocas de experiências sobre o trabalho na escola, pude encerrar o ateliê de Dança e Cinema. Agradeci pelo tempo dedicado aos participantes para este momento e na ajuda constante para a conclusão do meu trabalho. Foi bastante gratificante e também foi uma forma de rever os meus amigos, conversar e falar sobre aquilo que amamos, a Dança. O momento presente da pandemia impossibilita interações sociais, mas são essas oportunidades, como o atelier, que promovem esses encontros, que contribuem para reflexão de nossas experiências de ensino e adaptar-se para interagir com o outro.

4.2. Planejamento da proposta didática

4.2.1. Plano de Ensino

Local: Escola Municipal Inácia de Carvalho

Faixa Etária: 11 - 13 anos

Série: 7º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica

Período: Bimestral

Ementa: Abordar diferentes estilos de dança através da apreciação cinematográfica para o processo de ensino-aprendizagem da Dança.

OBJETIVO	CONTEÚDO	METODOLOGIA
Identificar e contextualizar os padrões de movimentos nos diferentes estilos de dança.	Abordagem dos diferentes estilos de dança, como o balé clássico, as danças urbanas e a dança de salão.	Apreciação de filmes, rodas de conversa e pesquisa de referência (bibliográfica, sites, filmes, vídeos etc.) feita pelos alunos.
Apreciar danças	Danças assistidas (balé clássico, danças urbanas e danças de salão).	Exibição e indicações de filmes.
Criar danças	Partituras coreográficas a partir do material assistido e pesquisado.	Apresentação de estudos coreográficos em sala de aula.

Critérios de avaliação:

- Participação e interesse nas aulas
- Pesquisa sobre filmes de dança
- Realização de trabalho artístico autoral final
- Auto avaliação

Referências:

- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARQUES, Isabel. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARQUES, Isabel. De tripé em tripé: o caleidoscópio do ensino de dança. In: Ana Mae Barbosa. (Org.). Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- NUNES, Ana Paula. Cinema e Dança - uma constante negociação entre duas linguagens. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008.
- VERDERI, Erica. Dança na escola: uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

Filmografia:

- SAVE THE LAST DANCE. Direção: Thomas Carter. Produção: Robert W. Cort e David Madden. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2001. 1DVD (112 min.).
- SHALL WE DANCE?. Direção: Peter Chelsom. Produção: Simon Fields, Bob Weinstein, Harvey Weinstein e James Tyler. Estados Unidos: Miramax Films, 2004. 1DVD (106 min.).
- STEP UP. Direção: Anne Fletcher. Produção: Erik Feig, Jennifer Gibgot, Adam Shankman e Patrick Wachsberger. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 2006. 1 DVD (103 min.).
- TAKE THE LEAD. Direção: Liz Friedlander Produção: Christopher Godsick, Michelle Grace e Diane Nabatoff. Estados Unidos: New Line Cinema, 2006. 1DVD (118 min.).

4.2.2. Plano de Aula Dança e Cinema

AULA 1	
Objetivos: Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes; Trabalhar a percepção corporal; Experimentar livremente os movimentos a partir do que foi assistido.	
Duração: 50 minutos.	
Data: Aula 01 – Bimestre sobre Dança	
Local: Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.	
Público alvo: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental	
Material para aula: Aparelho de DVD, televisão, notebook e cabo HDMI para conectar o computador na televisão para apreciação dos filmes apresentados. Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes.	
Aquecimento: O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.	
Exercício principal: Na primeira parte da aula serão exibidos trechos do filme “Ela Danço, Eu Danço”. Os trechos selecionados serão aqueles que trazem sequências de dança que demonstram o balé clássico, as danças urbanas e momentos de contrapontos entre os dois estilos. Em seguida, será proposto um diálogo sobre o entendimento dos alunos na identificação dos dois estilos de dança presentes no filme, como cada movimento acontece e quais características são possíveis observar em cada estilo. Deve-se relacionar também a dança com o conhecimento prévio de cada um e o interesse por ambos os estilos. Além disso, saber a opinião sobre essa junção de estilos em uma mesma coreografia. Como atividade prática, será proposto que cada aluno possa experimentar livremente uma movimentação a partir do que assistiu, inspirado no balé ou nas danças urbanas. Essa atividade pode utilizar a trilha sonora do filme como estímulo além de comandos de direcionamento, com o foco dos movimentos realizados a partir das mãos, da cabeça, movimentos lentos, movimentos rápidos, movimentos leves e pesados, sucessivamente.	
Feedback: Ao final da atividade, cada aluno poderá falar sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção na aula, opinar sobre a realização dos movimentos, pautando naquilo que mais gostou ou achou difícil, quais as relações foram estabelecidas através do filme e qual a base para a construção do movimento, seja ele autoral ou inspirado nas sequências apreciadas. Entender as movimentações criadas a partir do filme, da trilha sonora, dos estímulos oferecidos e dos desafios ao longo da prática. Sugira que os alunos assistam ao filme novamente em casa. Para isso, ofereça as referências de acesso ao filme.	

AULA 2
<p>Objetivos: Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes; Perceber como o corpo de cada pessoa tem uma movimentação diferente; Experimentar livremente os movimentos a partir dos estilos apreciados nos filmes.</p>
<p>Duração: 50 minutos.</p>
<p>Data: Aula 02 – Bimestre sobre Dança</p>
<p>Local: Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.</p>
<p>Público alvo: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental</p>
<p>Material para aula: Aparelho de DVD, televisão, notebook e cabo HDMI para conectar o computador na televisão para apreciação dos filmes apresentados. Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes.</p>
<p>Aquecimento: O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.</p>
<p>Exercício principal: Na primeira parte da aula serão exibidos trechos do filme “No Balanço do Amor”. A partir da abordagem da Aula 01, os trechos selecionados serão aqueles que trazem sequências de dança que apresentam o balé clássico, as danças urbanas e os momentos de junção entre os dois estilos. Em seguida, será proposto um diálogo sobre o entendimento dos alunos na identificação dos dois estilos de dança presentes no filme. Discutir sobre as possibilidades de junção dos estilos de dança em uma mesma coreografia e a compreensão sobre como o movimento é realizado, desde o seu ponto de início, a velocidade em que acontece e o peso em cada um desses estilos. Além disso, iniciar um diálogo sobre o gênero na dança (quem pode dançar o que e qual estilo de dança), como demonstrado no filme. Como atividade prática, deve ser proposto que os alunos façam uma fila indiana na diagonal da sala e, em seguida, colocar a trilha sonora do filme para tocar (músicas de danças urbanas e músicas de balé). Um aluno por vez deve atravessar a sala realizando movimentos de acordo com a trilha sonora, e para isso devem buscar referências nas cenas do filme que foi apreciado. Cada aluno deve fazer o percurso individualmente e depois, como uma segunda parte da atividade, imitando o colega que liderar a fila.</p>
<p>Feedback: Ao final da atividade, cada aluno poderá falar sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção na aula, opinar sobre a realização dos movimentos, pautando naquilo que mais gostou ou achou difícil, quais as relações foram estabelecidas através do filme e qual a base para a construção do movimento, seja ele autoral ou inspirado nas sequências apreciadas. Entender as movimentações criadas a partir do filme, da trilha sonora, dos estímulos oferecidos e dos desafios ao longo da prática. Sugira que os alunos assistam ao filme novamente em casa. Para isso, ofereça as referências de acesso ao filme.</p>

AULA 3

Objetivos:

Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes;
Perceber a movimentação do próprio corpo e dos colegas de classe;
Experimentar livremente os movimentos a partir dos comandos dados pelos colegas

Duração:

50 minutos.

Data:

Aula 03 – Bimestre sobre Dança

Local:

Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.

Público alvo:

Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental

Material para aula:

Aparelho de DVD, televisão, notebook e cabo HDMI para conectar o computador na televisão para apreciação dos filmes apresentados.

Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes.

Vendas para tampar os olhos

Aquecimento:

O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.

Exercício principal:

Na primeira parte da aula serão exibidos trechos do filme “Vem dançar”. Os trechos selecionados serão aqueles que mostram sequências de dança de salão, em ênfase o tango, a salsa e a valsa. Devem ser exibidos também trechos que mostram as diferentes realidades que os alunos vivem e o tipo de música que gostam de dançar. Em seguida, será proposto um diálogo para saber se os alunos conseguiram identificar os estilos de dança presentes no filme, se já tinham familiaridade com algum desses estilos e destacar as diferenças entre esses estilos em comparação aos mostrados nas aulas passadas. Saber a opinião sobre a realidade onde vivem os alunos e o acesso à dança e, também, a dificuldade ou facilidade em dançar a dois. Como atividade prática, será proposto que façam duplas sendo que um aluno será o responsável por conduzir o movimento do outro colega. Serão reproduzidos trechos da trilha sonora do filme (música de tango, valsa e salsa), e será proposto que os alunos possam movimentar-se de acordo com o ritmo da música e que façam a condução do seu colega. Podem ser utilizados comandos verbais ou de toque do professor para direcionar o movimento, como por exemplo, iniciar o movimento pelos pés, em seguida pelos braços e por fim, locomover-se por toda sala. Em seguida, a mesma atividade será realizada com a inversão de papéis, quem antes era conduzido, agora conduz o colega. Como sugestão, a atividade pode ser feita com o uso de vendas nos olhos dos alunos que serão conduzidos, como forma de recriar uma cena do filme, porém esse artifício será proposto apenas se o grupo de alunos já tiver maturidade para lidar com o corpo do colega.

Feedback:

Ao final da atividade, cada aluno poderá falar sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção na aula, opinar sobre a realização dos movimentos, pautando naquilo que mais gostou ou achou difícil, quais as relações foram estabelecidas através do filme e qual a base para a construção do movimento, seja ele autoral ou inspirado nas sequências apreciadas. Debater sobre a utilização de um material novo para o movimento e a dificuldade de dançar acompanhado.

Entender as movimentações criadas a partir do filme, da trilha sonora, dos estímulos oferecidos e dos desafios ao longo da prática. Sugira que os alunos assistam ao filme novamente em casa. Para isso, ofereça as referências de acesso ao filme.

Observação:

Para a Aula 04, os alunos (em grupos de trabalho) deverão pesquisar cenas de filmes de dança que conheçam ou acham interessante compartilhar com a turma. Para a atividade os alunos podem trazer o DVD ou link da internet (Youtube). Os pais poderão ajudar na escolha das cenas de dança do filme.

AULA 4

Objetivos:

Apreciar filmes de dança a partir do gosto dos alunos;
Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes;
Desenvolver um olhar crítico para determinado estilo de dança.

Duração:

50 minutos.

Data:

Aula 04 – Bimestre sobre Dança

Local:

Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.

Público alvo:

Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental

Material para aula:

Aparelho de DVD, televisão, notebook e cabo HDMI para conectar o computador na televisão.

Exercício principal:

Os alunos devem apresentar trechos ou cenas de filmes de dança das quais acham interessante compartilhar com a turma. Deve ser levado em consideração o interesse dos grupos de alunos em buscar outras referências de filmes, além daqueles já assistidos e perceber o seu olhar e opinião sobre as abordagens cinematográficas sobre a dança. Essa é uma aula de apreciação, a partir do gosto e percepção dos alunos sobre o tema e verificar o que os outros colegas acham dos filmes apresentados.

Feedback:

Ao final da atividade cada aluno poderá discursar sobre o que acharam dos filmes apresentados, as afinidades sobre um filme ou outro, além de opinar o que acharam das coreografias e quais remetem aos estilos já apresentados nas aulas anteriores.

Como forma de complementar e retomar os estilos de dança já trabalhados e apresentados nos filmes e nas aulas anteriores, os alunos devem fazer uma pesquisa individual a respeito da origem do balé clássico, origem do Hip Hop, origem da Valsa e a origem da Salsa.

AULA 5

Objetivos:

Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes;
Perceber como uma movimentação pode ter diferentes pesos, duração e espaço e fluência;
Criar de modo livre os movimentos, em diferentes dinâmicas, a partir dos estilos apreciados nos filmes.

Duração:

50 minutos.

Data:

Aula 05 – Bimestre sobre Dança

Local:

Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.

Público alvo:

Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental

Material para aula:

Aparelho de DVD, televisão, notebook e cabo HDMI para conectar o computador na televisão para apreciação dos filmes apresentados.

Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes.

Aquecimento:

O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.

Exercício principal:

Na primeira parte da aula serão exibidos trechos do filme “Dança Comigo?”. A partir da abordagem da Aula 03, os trechos selecionados serão aqueles que mostram sequências de dança de salão, em ênfase o tango, a salsa e a valsa. Em seguida, será proposto um diálogo para saber se os alunos conseguiram identificar os estilos de dança presentes no filme, além de fazer um comparativo com o filme da Aula 03, na busca de elementos característicos dos estilos de dança apresentados. Buscar a compreensão de como estes movimentos acontece, seu ponto de início (pés ou mãos), o tempo e o peso para cada um desses estilos. Como atividade prática, a turma deve ser dividida em duplas e devem criar uma composição coreográfica, de no máximo dois minutos, respeitando os seguintes comandos: realizar a mesma movimentação em diferentes dinâmicas (tempo, espaço e pesos diferentes). Como sugestão, os alunos podem realizar a sequência coreográfica com diferentes músicas da trilha sonora do filme.

Feedback:

Ao final da atividade, cada aluno poderá falar sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção na aula, opinar sobre a realização dos movimentos, pautando naquilo que mais gostou ou achou difícil, quais as relações foram estabelecidas através do filme e qual a base para a construção do movimento, seja ele autoral ou inspirado nas sequências apreciadas.

Entender as movimentações criadas a partir do filme, da trilha sonora, dos estímulos oferecidos e dos desafios ao longo da prática. Perceber as diferenças entre os filmes e os estilos apresentados.

Sugira que os alunos assistam ao filme novamente em casa. Para isso, ofereça as referências de acesso ao filme.

AULA 6

Objetivos:

Experimentar nessa aula prática os diferentes passos e técnicas de dança, já assistidos nos filmes e pesquisados pelos alunos, como forma de estimular a escolha do tipo de dança para a qual irão criar uma coreografia posteriormente.

Duração:

50 minutos.

Data:

Aula 06 – Bimestre sobre Dança

Local:

Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.

Público alvo:

Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental

Material para aula:

Cartas de papel escrito os estilos de dança assistidos nos filmes e pesquisados pelos alunos em aulas anteriores. Os estilos foram: BALÉ CLÁSSICO – HIP HOP – SALSA – TANGO – VALSA.

Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes que esses estilos de dança aparecem.

Aquecimento:

O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.

Exercício principal:

As cartas com os estilos de dança escritos serão embaralhadas e cada aluno irá sortear uma. Serão formados grupos, distribuídos pelos cantos da sala com os alunos que possuírem cartas iguais. Em seguida, cada componente de cada grupo deverá pensar em movimentos que acham que são característicos do estilo de dança que foi sorteado, tendo em mente as coreografias que foram apreciadas durante a exibição dos filmes e as criações autorais experimentadas ao longo da disciplina. Orientar os alunos para evitar a repetição do movimento de outro colega, dentro do mesmo grupo. O grupo pode recorrer às pesquisas e aos filmes assistidos em aulas anteriores para ajudarem nesse momento. Em seguida, os alunos serão convidados a unir os movimentos criados por cada um integrante da equipe a fim de formar uma única partitura coreográfica, sem se preocupar com uma lógica ou estética de movimento. Por fim, a sequência criada será apresentada para a turma, um grupo por vez. O aparelho de som com as músicas da trilha dos filmes deve ficar a disposição dos alunos, caso queiram usar como estímulo para realização da atividade.

Feedback:

Ao final da atividade, cada aluno poderá falar sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção na aula, opinar sobre a realização dos movimentos, pautando naquilo que mais gostou ou achou difícil, quais as relações foram estabelecidas através do filme e da carta sorteada e qual a base para a construção do movimento.

Perguntar sobre as dificuldades em realizar algum movimento, se foi desconfortável realizar o tipo de dança que foi sorteado, se teve algum estilo que os alunos se identificaram mais.

Essa será a divisão dos grupos e em qual estilo cada aluno ficará para montar uma coreografia para a aula final.

AULA 7

Objetivos:

Criar uma composição coreográfica inspirada nos filmes assistidos e pesquisados ao longo do bimestre.

Duração:

50 minutos.

Data:

Aula 07 – Bimestre sobre Dança

Local:

Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula. Espaços livres da escola pra a prática do ensaio.

Público alvo:

Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental

Material para aula:

Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes que os alunos utilizarem durante a criação coreográfica.

Aparelho de DVD, televisão, notebook e cabo HDMI para conectar o computador na televisão para consulta dos filmes assistidos anteriormente.

Aquecimento:

O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.

Exercício principal:

Os alunos divididos em grupos de trabalho devem começar a desenvolver uma coreografia com os estilos sorteados na aula anterior. Cada grupo poderá buscar outros espaços da escola para trabalharem a coreografia do seu grupo. Além disso, eles devem ser estimulados ao desafio de trabalhar o estilo que foi sorteado, além de ser uma oportunidade de trabalharem e apreciarem diferentes estilos de dança. Essa será uma aula dedicada para a criação da partitura coreográfica inspirada nos filmes e nos exercícios práticos experimentados nas aulas anteriores. Se tiverem dúvidas, poderão recorrer aos vídeos ou mesmo escutar a trilha sonora dos filmes. É importante ressaltar que o aluno não poderá copiar a coreografia do filme, apenas inspirar-se para criar algo novo. O professor pode dar orientações ou tirar dúvidas dos alunos ao longo da criação. O aparelho de som com músicas com a trilha dos filmes e o aparelho de DVD ficará a disposição dos alunos, caso queiram usar como estímulo para realização da atividade.

Feedback:

Os alunos poderão fazer apontamentos sobre o desenvolvimento da atividade, das dificuldades ou facilidades na construção da coreografia em grupo, além de ser um momento para esclarecimento de dúvidas sobre a realização de algum movimento ou do estilo de dança. Verificar a necessidade de outros ensaios e uma checagem do que será utilizado na apresentação final, como figurino, música, material de cena etc.

AULA 8

Objetivos:

Apresentar composições coreográficas criadas a partir dos filmes que foram exibidos e pesquisados ao longo do bimestre.

Duração:

50 minutos.

Data:

Aula 08 – Bimestre sobre Dança

Local:

Sala de aula (vazia, com carteiras no canto para termos espaço) ou, de preferência, uma sala exclusiva de dança com parede espelhada e piso próprio para o tipo de aula.

Público alvo:

Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental

Material para aula:

Aparelho de som para tocar músicas da trilha sonora dos filmes que os alunos escolheram para utilizar na apresentação.

Aquecimento:

O aquecimento será feito antes do exercício principal dessa aula. Pedir aos alunos para ficarem em pé, posicionados em uma grande roda. O aquecimento do corpo será condicionado para a soltura do mesmo e prepará-lo para a atividade. O professor deve sugerir movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.

Exercício principal:

Será definida a ordem de apresentação e um grupo por vez apresentará a coreografia elaborada. É necessário que, um representante de cada grupo diga qual foi o estilo de dança sorteado e quais foram os filmes escolhidos como inspiração. Será uma aula para apreciação dos resultados alcançados por cada grupo de alunos.

Feedback:

Os alunos serão convidados para uma conversa final a respeito do bimestre e saber sobre aquilo que ficou registrado de mais interessante sobre a Dança, sobre os estilos apresentados, dos filmes exibidos e como isso contribuiu para a realização das atividades.

Além disso, será solicitado que cada aluno escreva uma autoavaliação sobre o seu processo de aprendizado. Devem levar em consideração, a realização da coreografia final, avaliar a sua participação, interesse e entendimento sobre o tema.

Não será avaliada a qualidade técnica ou estética, mas o aproveitamento que cada aluno teve durante a disciplina para o seu conhecimento crítico e cultural.

5. REALIZAÇÃO DA PROPOSTA E ANÁLISE DE DADOS

5.1. Luz, Câmera, Ação!

Atendendo ao objetivo desse trabalho que apresentei ao longo do meu texto onde busquei analisar a contribuição do Cinema ao ensino da Dança e com a criação de uma proposta didática apoiada em uma pesquisa teórica, foi necessário realizar algumas aulas sobre o conteúdo para verificar os resultados.

Para validar a proposta didática desenvolvi um estudo de campo para observar os resultados obtidos como as interpretações e performances do grupo estudado. Gil (2002) define que este tipo de pesquisa é desenvolvido por meio da observação direta da proposta elaborada para o grupo e, além disso, foi feito o uso de anotações e relatos para o registro das respostas.

O estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para capturar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2002, pág. 53).

Para a realização do trabalho de campo, elaborei aulas adaptadas para o ambiente online, a partir dos meus planos de aula elaborados para o bimestre todo. E, para isso, utilizei os recursos que a plataforma online pode me proporcionar como exibição de filmes e de trilha sonora, apresentação de slides. Também tinha o desejo de gravar as aulas para registro e futura análise do material.

Porém tive que lidar com um contratempo nesta etapa, uma vez que ainda estámos no meio de uma pandemia ocasionada pelo COVID-19 e muitas escolas interromperam suas aulas presenciais, optando por outros meios de continuar o ensino, seja através de aulas online ou entrega de apostilas com o acompanhamento pela Internet ou televisão. Foi necessário aguardar para verificar se teria alguma mudança desse cenário, mas como nada mudou nas escolas de ensino regular, após a retomada das minhas aulas na universidade, era certo que eu teria que adaptar o meu plano de aula para o ambiente online.

O segundo empecilho que aconteceu nessa etapa foi a necessidade de mudança da escola a qual iria realizar a prática. A escola que eu tinha definido realizar o meu trabalho

optou por um ensino remoto, sem aulas online ou acompanhamento, ela criou um site onde o aluno buscava as atividades e quando concluídas enviadas para os professores responsáveis. Nesse formato adotado não seria possível analisar o progresso ou interesse dos alunos para a minha proposta, seria muito mais vantajoso ter um contato com o aluno, mesmo que de forma virtual, onde poderíamos conversar sobre o tema, observar o processo de criação e mesmo um feedback ao final da prática.

Dessa maneira, busquei outras instituições de ensino para que fosse viável realizar a proposta didática e, rapidamente, entrei em contato com uma amiga que lecionava em uma escola particular da minha cidade e que estava realizando aulas online diárias, que melhor se encaixava nesse cenário, mas me deparei com outro problema. Dessa vez, foi a direção da escola que não autorizou a realização da prática, uma vez que, mesmo estando nesse formato online, relataram que seria complicado deixar uma pessoa que não fosse do corpo docente da instituição entrar na casa dos alunos, mesmo que virtualmente. Argumentaram que se fosse uma atividade presencial não teria nenhum problema, poderia realizar a proposta no próprio espaço da escola, mas no modelo presente, não seria possível neste momento.

Já havia tornado um desafio conseguir trabalhar o meu conteúdo nessas condições. Isabel Marques (2014) argumenta sobre as dificuldades que as escolas e professores deparam sobre o ensino da Dança, como a falta de recursos e materiais disponíveis ou pessoas capacitadas para tal atividade, mas lidar com um novo formato de aulas em virtude de uma pandemia era algo que ainda não tinha sido abordado nas referências utilizadas para este trabalho. Foi então que minha orientadora de TCC sugeriu o nome do Samuel Carvalho⁴, meu colega de turma e que já atuava como professor na rede estadual e poderia dar este apoio. Era a luz que eu estava precisando. Confesso que estava meio receoso porque eu sabia que seriam muitos mais alunos (ao contrário da escola particular) e numa faixa etária mais nova.

O meu colega Samuel atuava há três anos na Escola Estadual Getúlio Vargas, em Belo Horizonte e atualmente ele leciona com as turmas do quinto ano do Ensino Fundamental. Essa escola está localizada no Bairro Serra Verde, e mesmo que tenha um aglomerado na região, sua localização não é considerada como área de risco. O mesmo pode-se dizer da condição socioeconômica dos alunos, onde a maioria dos pais dos alunos trabalhava fora e é um público de classe média. O perfil dos alunos dessa escola era de pessoas que tinham acesso à internet ou mesmo ao celular. Mesmo que em menor parte, onde alguns não conseguiam acessar as aulas online, eram alunos com acesso a informação, tecnologia e entendimento

⁴ Samuel Carvalho é professor de Artes, Ciências, Geografia e História na Escola Estadual Getúlio Vargas. Além disso, é aluno do curso de graduação em Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Minas Gerais.

dessa nova forma de ensino. O professor Samuel também me relatou que nunca teve nenhum registro com brigas, drogas ou evasão e faltas dos alunos. Pelo menos, no turno que ele ministrava aulas, porque já ouviu histórias de alunos usando drogas, principalmente no turno da noite. Outra questão levantada pelo professor, que por ele ser homem em um local dominado praticamente por professoras, ele evita o toque ou mesmo elogios direcionados para algum aluno, a fim de evitar algum desconforto futuro. De modo geral, os pais de seus alunos confiam em seu trabalho e sempre enviam mensagens elogiando alguma atividade realizada. Dos setenta alunos que compõem o quinto ano do ensino fundamental, Samuel acredita que uma média de quinze que ainda tem alguma dificuldade com a escrita e a leitura, mas é um grupo interessado e bastante criativo. Porém o ambiente online acabou se tornando um complicador para o progresso das aulas.

Ao explicar sobre a necessidade da realização da minha prática, ele conversou com a supervisora Maria Cristina Madeira e, felizmente, foi aprovada a minha participação. Ele também me explicou sobre os desafios que vinha passando nesse ambiente online, como por exemplo, dos setenta alunos do quinto ano, somente com quarenta alunos a escola conseguia acompanhar, porque eram os que participavam das aulas ou entregava as atividades ofertadas durante o período letivo e, além disso, durante as aulas desses quarenta alunos, apenas uma média de vinte alunos que tinham o costume de participar das chamadas de vídeo. Era uma situação um pouco preocupante, porque estava tornando difícil acompanhar o desenvolvimento educacional desses alunos, como saber se eles estavam conseguindo absorver o conteúdo e como iriam suceder com os alunos que nem sequer participavam dos encontros online.

Em vista dessas condições também seria impossível ter a autorização desses alunos para o uso de imagem, porque conforme me explicou o professor Samuel, nem mesmo a autorização que a escola enviou no início da pandemia avisando sobre o novo formato de aulas online foi devolvida para a instituição. Para esta primeira aula agora, em específico, no meio do curso, não teríamos um retorno dos pais desses alunos. Então, optamos em preservar a identidade deles e qualquer comentário que eu viesse fazer sobre os estudantes, não usaria seus nomes.

Samuel também sugeriu fazer uma arte anunciando a minha aula, que aconteceria dentro da disciplina de Artes. Ele acreditava que dessa maneira poderia atiçar a curiosidade dos alunos e ter um número maior de crianças presentes na aula, já que seria um dia com conteúdo diferenciado e com um professor convidado. Conforme citado anteriormente, a LDB 9394/96 assegura o ensino da Arte e que contemple quatro áreas artísticas (Dança, Teatro,

Música e Artes Visuais), porém os alunos dessa escola não tinham trabalhado com o ensino da Dança até aquele momento, por isso, ele fez essa sugestão do anúncio e completou que essas atividades adicionais eram ótimas para complementar o ensino e diversificar as aulas.

A arte de divulgação que eu criei foi passada aos alunos pelo grupo de WhatsApp da turma do quinto ano e o Samuel sugeriu dar o nome de Oficina de Dança e Cinema, mesmo que fizesse parte de um plano de ensino que já estava todo estruturado, mas por ser uma aula a parte, ele preferiu o uso do termo Oficina porque poderia aguçar mais a curiosidade dos alunos.



Imagen 04 – Divulgação da Aula Online (24/08/2020)

Resolvido essas questões, tive tempo de preparar o conteúdo da aula, os trechos do filme que foram exibidos e um roteiro do meu plano de aula que foi utilizado para essa primeira aula, conforme descrito abaixo.

Ensino Remoto / Aula 01

Objetivos:

Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes;
Perceber como o corpo de cada pessoa tem uma movimentação diferente;

Duração:

50 minutos.

Data:

28/08/2020

Local:

Plataforma online/ Google Meet – Escola Estadual Getúlio Vargas

Público alvo:

Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (Faixa etária: 09 a 10 anos)

Material para aula:

Apresentação de PowerPoint com pesquisa teórica e contextual sobre os estilos de dança trabalhados na aula: Balé e Hip Hop

Filme "Ela Danço, eu danço" disponível para apreciação dentro da plataforma de vídeo aula.

Exercício:

Na primeira parte foi feito uma exposição sobre o tema que foi abordado nessa aula e seguido de uma apresentação teórica e de contextualização dos estilos de dança: Balé clássico e Hip Hop. Em seguida, foram exibidos trechos do filme “Ela Danço, Eu Danço”. Os trechos selecionados eram aqueles que traziam sequências de dança que demonstravam o balé clássico, as danças urbanas e momentos de contrapontos entre os dois estilos e como eles podiam se completar. Em seguida, foi proposto um diálogo sobre o entendimento dos alunos na identificação dos dois estilos de dança presentes no filme, como cada movimento acontecia e quais características eram possíveis de observar em cada estilo. Também foi necessário relacionar a dança com o conhecimento prévio de cada um e o interesse deles por ambos os estilos. Além disso, busquei opinião dos alunos sobre essa junção de estilos em uma mesma coreografia.

Feedback:

Ao final da atividade cada aluno pôde falar sobre o que acharam do filme apresentado, puderam opinar sobre o que acharam das coreografias e quais remetem aos estilos apresentados na aula. Além disso, debateram sobre a importância de cada estilo e as dificuldades e facilidades em realizar os movimentos e a possibilidade de junção de estilos diferenciados em uma mesma coreografia.

Foi possível criar relações com outros filmes que os alunos conheciam e aguçar o interesse para continuar essa atividade que dialoga a Dança com o Cinema.

5.2. Claque 1

No dia da aula, além do professor Samuel, estava presente a supervisora Maria Cristina Madeira, que participou de alguns momentos e a participação de quinze alunos, com faixa etária de nove a dez anos. A aula foi realizada através da plataforma online Google Meet.

A aula começou com a apresentação do professor Samuel explicando como seria a abordagem desta aula e sobre a minha presença. Os alunos ficaram bem curiosos e interessados no que viria pela frente. E para começar minha explanação, procurei saber o interesse deles pela Dança, se já tinham dançado ou assistido alguma apresentação e se

conheciam o balé e o Hip Hop, que seriam os estilos trabalhados nessa aula, que tinha como objetivo apresentar esses estilos e saber identificá-los e algumas características de cada um.

“Eu já fiz aula de balé, mas quando era muita novinha, já não lembro mais nada”. (L. 10 anos).

“O meu irmão dança danças de rua, mas eu mesmo nunca dancei.” (B. 10 anos).

Então, percebendo que muitas não tinham um conhecimento muito aprofundado sobre os estilos, achei que seria interessante fazer uma apresentação para contextualizar esses estilos de dança, informando as principais características e origens, para depois partir para a apreciação dos filmes. Era um conteúdo muito abrangente. Então, para um primeiro momento, essa explicação seria de modo sucinto, apenas como forma de trazer os alunos para o tema. Vale ressaltar que dentro da vertente do Hip Hop temos uma grande variação de movimentos e danças como o Stret Dance, o Breaking, Locking, Popping, dentre outros, porém utilizei apenas o nome Hip Hop para a fácil assimilação dos alunos para esta aula inicial. Montei uma apresentação sobre o tema, que se encontra nos APÊNDICES (Apêndice B) desse trabalho.

Ao final da apresentação teórica, inclui alguns filmes de dança que apresentam esses estilos, títulos já mencionados nesse TCC, com adição de Entre Nessa Dança - Hip Hop no Pedaço (You Got Served / 2004) e Dançarina Imperfeita (Work it - 2020). E o que foi bastante proveitoso neste momento, é que os alunos já conheciam algum desses filmes e por já terem esse conhecimento prévio dos filmes foi um fator que colaborou para entenderem mais esses estilos de dança, além de ficarem mais participativos e interessados com a aula.

Dando segmento nessa apresentação dos estilos, informei a turma que iria exibir trechos do filme Ela Dança, eu Danço (Step Up / 2006) que conta a história do rapaz Tyler, que após invadir uma escola de artes é pego pela polícia, e é obrigado a fazer serviços comunitários no local. Durante o trabalho ele acaba por conhecer a aluna Nora, que precisa de um parceiro de dança e acabam unindo a experiência nas danças de rua do rapaz com as de balé da garota, para desenvolveram uma coreografia e superar as diferenças que existem entre eles. Este filme era um ótimo exemplo para observar os elementos do balé clássico, do Hip Hop e do encontro desses dois estilos.

Trazer um filme para complementar o entendimento é uma forma de deixar a aula mais interessante, como contribuir para a transmissão do conhecimento, conforme apontou Wagner (2012), além de que o filme alarga os horizontes do conhecimento, não sendo uma mera distração. A maioria dos alunos não conhecia o filme, e em virtude disso, foi necessário

fazer uma explicação resumidamente sobre o que se tratava a história do filme, compartilhei as cenas que tinha em interesse e depois poderíamos analisar juntamente o filme. Além disso, Wagner (2012) sugere que as escolhas dos filmes sejam aqueles que possam contribuir naquilo que eu pretendia trabalhar, por isso que no momento da elaboração dessa aula, eu tive que escolher um filme que atendesse ao meu plano de aula e que traria o interesse dos alunos. Devia pensar na faixa etária dos alunos e no tempo que teria disponível.

Foram selecionados três trechos do filme para exibição: a abertura do filme, onde vemos os alunos de uma escola de arte fazendo uma aula de balé e um grupo de amigos dançando Hip Hop em uma rua da cidade e como esses estilos eram tão diferentes, mas que pareciam ter uma estrutura base de movimento em comum, por exemplo, a bailarina fazia uma piroca clássica, enquanto o dançarino fazia um giro de street dance, mas com outro peso e intenção; o segundo trecho exibido foi uma cena onde o casal protagonista está ensaiando uma coreografia e podemos perceber as diferenças entre os movimentos dela em relação aos dele e ao mesmo tempo a tentativa de entrarem em sintonia. Neste trecho fica evidente a representação dos estilos apresentados na aula e seus momentos de contrapontos; e a terceira cena é a apresentação da coreografia final. Este momento era pertinente para mostrar elementos do balé e do Hip Hop e como eles conseguiram unir os estilos em uma única dança, onde um complementava o outro.

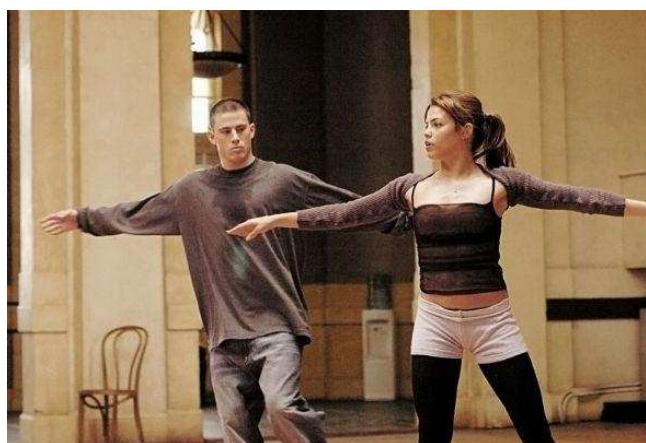


Imagen 05 – Cena do filme Ela Dança, eu Danço (Step UP – 2006)

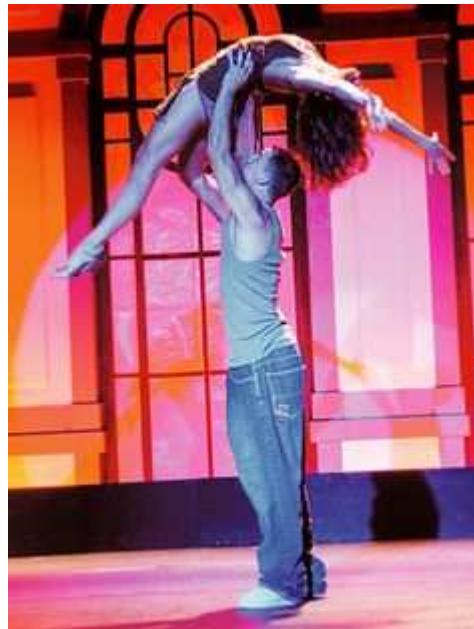


Imagen 06 – Cena do filme Ela Dança, eu Danço (Step UP – 2006)

Lima (2011) nos informa que apreciar uma produção cinematográfica colabora para estabelecer uma ligação com aquilo que o aluno já conhece e ter a oportunidade de pensar além sobre o objeto de estudo, como forma de compreender o tema da aula, por isso, quando propus um diálogo para saber se os alunos conseguiram identificar os estilos de dança presentes no filme, tive a sorte de me deparar com uma turma bastante participativa, onde a maioria tinha uma opinião sobre o conteúdo e também fui trazendo questionamentos para que os alunos pudessem argumentar. Perguntei, além de conseguirem identificar os estilos no filme, se gostaram mais de um ou outro. Se eles perceberam as diferenças nos estilos e que pudessem me dar exemplos de elementos do filme que caracterizavam esses estilos. Também perguntei sobre de onde o movimento poderia começar, ou pela cabeça, ou pelos braços ou pelos pés. A todas essas perguntas os alunos estavam bem atentos e não tive nenhuma resposta contrária do que era esperado.

“Eu gostei muito das cenas. É uma dança muito bonita!” (P.C.10 anos).

“O hip hop tinha muita força, eram movimentos muitos rápidos, mas eu também não consigo fazer aqueles movimentos de balé. É muito bonito, mas tem que estudar muito, né.” (Em. 10 anos).

“Eu percebi que aquele era um movimento de balé porque a personagem fazia o movimento de forma leve. E também pelo figurino, a música e pela dança que ela fazia.” (L. 10 anos).

Até aquele momento eles sabiam identificar os estilos, obviamente numa visão mais superficial sobre a temática, mas aceitável, se fôssemos aprofundar no conteúdo, também poderíamos dizer que o Hip Hop também tem movimentos realizados de forma parecida que o balé. Mas ali não era o momento para este estudo, era mais uma apresentação de um estilo que os alunos em sua maioria não conheciam.

Realizei outras perguntas como, por exemplo, qual estilo eles achavam que seria mais fácil de dançar, a resposta foi unânime. Eles acharam que nenhum era fácil, porque mesmo o Hip Hop parecendo ter movimentos "mais soltos" ele tinha uma técnica, uma força que no filme pareceu ser difícil e acharam o mesmo para o balé. Mas informei a eles que eram estilos possíveis e que todos poderiam dançar.

"Acho que tem que estudar muito para conseguir fazer aqueles movimentos. São muito bonitos, mas acho que não é para mim." (L. 10 anos).

"Eu sempre quis dançar hip hop, porque vejo meu primo dançando, mas não sei se posso ou se minha mãe vai deixar porque eu sou menina". (Em. 10 anos).

Nesse momento, tanto eu, como o professor Samuel explicamos para a aluna, que ela podia sim e deveria dançar Hip Hop, do mesmo modo que os meninos poderiam dançar o balé. Nos meus planos de aula, existe esse tema sobre gênero na dança para discussão, mas foi de grande valia a aluna incluir essa fala já em nosso primeiro contato. O debate no ambiente virtual continuou. Dessa vez perguntei o que eles achavam dessa mistura dos estilos em uma mesma coreografia, se aquilo era certo ou errado, feio ou bonito.

"Eu achei bonito, gostei dessa mistura dos estilos porque tudo é dança e tem pessoas que gostam mais de um estilo e tem outras pessoas que gostam mais de outro estilo, então quando misturava os movimentos, iria agradar a todos." (S. 10 anos).

O professor Samuel também completou que estamos falando de um corpo em movimento, estilos diferentes, mas que criam uma dança, então tudo era possível. Outra aluna perguntou se também era possível combinar outros estilos como, por exemplo, o balé com o funk. Expliquei que a dança era livre, você poderia criar sua própria identidade, que o exemplo que eu trouxe para essa aula era junção do balé com o Hip Hop, mas poderia ter sido de outros estilos. Citamos sobre a diversidade dos estilos de dança que temos no Brasil, de como o nosso país é tão grande e com tantas influências que era quase impossível criar uma

dança sem passar por um único registro de movimento. Até mesmo o nosso carnaval é uma mistura de estilos onde temos o samba, o frevo, o axé e até o funk.

“Às vezes eu gosto de dançar no banheiro, fico criando uma dança lá.” (P. 10 anos).

“Quando eu estou na cozinha, eu adoro criar coreografias. Eu poderia dar o nome para esse estilo de Dança na cozinha?” (S. 10 anos).

“Eu não tenho nenhuma coordenação motora e sempre caio no chão quando estou dançando.” (L. 10 anos).

Nesses casos acima, ambas poderiam criar uma dança autoral, que seja uma dança marcada por quedas ou que fosse na cozinha, para a Dança toda forma de movimento era possível. Esse momento com os alunos foi bastante proveitoso porque eles já tinham um conhecimento prévio sobre alguns filmes de dança, sempre que comentávamos algo sobre o conteúdo, eles já citavam algum filme que tinham assistido, que também tivesse a ver com a discussão. Citaram o filme Let's Dance (2019) que abordava este mesmo conteúdo da união do balé com o Hip Hop, o filme Feel The Beat (2020), mostrando a superação de uma bailarina e A Bailarina (Ballerina / 2016), animação mostrando a jornada de uma promissora bailarina em Paris e percebemos como eles ficavam empolgados com essa temática.

O interesse ficou bastante claro e a discussão foi bastante calorosa que ocupou todo o tempo dedicado para esta aula. O ambiente online provoca alguns percalços, como uma demora em iniciar aula e falhas nas trocas de informações porque temos que esperar os alunos “entrarem” para a chamada de vídeo, verificar se todos estão conseguindo visualizar o material e ainda existiam as interferências de conversas paralelas e conexões, e com isso seria preciso um horário maior de aula e, para aquele primeiro encontro, usamos o tempo disponível para discussão e não seria possível realizar uma prática para fixar mais ainda o tema.

O professor Samuel perguntou aos alunos se eles tinham gostado dessa primeira aula e responderam que acharam bem interessante e até o último minuto ainda estavam dando alguma opinião sobre o conteúdo, agradeci pela participação de todos e por todos os comentários e filmes sugeridos durante a aula. Acredito que o debate que tivemos foi gratificante e enriquecedor, porque uma aula de dança é também aprender apreciar, comentar, observar e analisar espetáculos de dança, como defende Marques (2010) seja por meio de uma exibição de filme, seja por meio de um espetáculo em um teatro.

“No primeiro momento, contextualização, o graduando ofereceu aos discentes um PowerPoint onde foi contextualizado o que seria a Dança e o Cinema, contando um pouco da história de como a dança é abordada e trabalhada no cinema. Tivemos dois momentos de apreciação de cenas de um filme, “Ela dança eu danço”, onde ao término abrimos para o debate sobre a proposta de criação de dança em filme, o estilo de dança dos personagens, as dificuldades presentes nos dois estilos apresentados, Balé e Hip Hop, e que corpos dançam.” (Relato Prof. Samuel sobre as aulas. 2020).

Essas análises e leituras colaboram para o momento de criação, e é por isso que realizar a prática seria interessante para ver no corpo dos alunos as referências e inspirações que o filme traria para eles. É claro que essa primeira oportunidade de aula já trouxe um interesse e provocou uma série de diálogos sobre o objeto de estudo, agora imagine se fosse aulas presenciais e com maior tempo com esses alunos. Mas como ainda continuamos nesse ambiente online, achamos que seria interessante fazer um segundo encontro para realizar uma aula prática.

5.3. Claque 2

Em uma conversa posterior com o Samuel expliquei qual seria a atividade prática que seria sugerida aos alunos e achou pertinente, e que essa atividade fosse realizada assim que possível, conforme foi elaborado no plano de aula abaixo.

Ensino Remoto / Aula 02	
Objetivos:	Identificar os estilos de dança apresentados na exibição dos filmes; Experimentar de modo livre os movimentos, em diferentes dinâmicas, a partir dos estilos apreciados nos filmes.
Duração:	50 minutos.
Data:	25/09/2020
Local:	Plataforma online/ Google Meet – Escola Estadual Getúlio Vargas
Público alvo:	Alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (Faixa etária: 09 a 10 anos)
Material para aula:	Filme "Ela Danço, eu danço" disponível para apreciação dentro da plataforma de vídeo aula. Trilha sonora do filme disponível para apreciação dentro da plataforma de vídeo aula.

Aquecimento:

O aquecimento foi feito antes da prática corporal. Pedi aos alunos para ficarem de pé, posicionados em frente à câmera do computador. O aquecimento do corpo era condicionado para a soltura do mesmo e prepará-los para a atividade. Sugeri movimentos de soltura da cabeça, dos ombros, braços, bacia e pernas; enrolamento, espreguiçamento e pequenos saltos.

Exercício:

Na primeira parte da aula exibi um trecho do filme “Ela Dança, Eu Danço”, como forma de recordar o assunto da aula anterior, além de recorrer os principais pontos levantados na aula e características de cada estilo apresentado. Em seguida, como atividade prática, solicitei que os alunos realizassem uma sequencia de movimentos conforme eu demonstrava. A sequencia foi baseada em movimentos do trecho apresentado do filme. Além disso, expliquei aos alunos que deviam pensar na realização do movimento a partir das mãos, conforme o personagem do filme fazia. Como sugestão pedi que cada um criasse uma sequencia de movimentos de mãos a partir da coreografia de base que ensinei. Ao final os alunos foram divididos em grupos de modo intercalado onde um grupo podia assistir ao outro.

Feedback:

Ao final da atividade, cada aluno pôde falar sobre aquilo que mais lhe chamou a atenção na aula, opinaram sobre a realização dos movimentos, pautando naquilo que mais gostou ou achou difícil, sobre as relações que foram estabelecidas através do filme e qual a base para a construção do movimento, seja ele autoral ou inspirado nas sequências apresentadas.

Busquei entender as movimentações criadas a partir do filme, da trilha sonora, dos estímulos oferecidos, dos desafios ao longo da prática e da relação com o vídeo, de assistir e ser assistido.

Como a turma já me conhecia e ainda recordava da última aula, não perdemos tempo com muitas apresentações, além disso, tinha feito uma segunda arte para anunciar este novo encontro.



Imagen 07 – Divulgação da Aula Online (21/09/2020)

No dia marcado, participaram da aula 15 alunos. Iniciei a minha fala retomando o assunto como forma dos alunos recapitularem o que foi falado na aula anterior, relembrar as cenas dos filmes e sobre os estilos que foram apresentados e os debates gerados após a

apreciação do filme. Mesmo com essa rápida contextualização sobre o tema, achei pertinente reproduzir uma nova cena do filme. Marques (2003) fala que o estudo da Dança não é somente dançar, deve-se apreciar e contextualizar, baseando-se na Abordagem Triangular. Por isso que ao preparar minha proposta didática não seria somente uma atividade prática onde ensinaria uma coreografia copiada do filme. Eu queria que os alunos tivessem a oportunidade de conhecer os estilos da dança, assistirem um filme, debatessem sobre, para somente depois realizar uma atividade prática. E realizar minha atividade pensando nessas etapas, fortalece as palavras de Isabel Marques (2003), principalmente quando ela sugere que devemos buscar maneiras de trabalhar os conteúdos de arte que não fiquem presos em modelos prontos, apenas em ensinar passinhos decodificados, porque a Abordagem Triangular é feita no suporte do diálogo, da interação e é construtivista, como Barbosa (1998) nos informou.

O trecho escolhido para essa segunda aula mostrava os personagens do filme em uma festa dançando de modo livre. Daí o protagonista realizava uma série de movimentos tendo como base o seu conhecimento no Hip Hop. Ao terminar a exibição, expliquei aos alunos sobre os elementos do Hip Hop presentes naquela cena e como o ator sempre iniciava o movimento pelas mãos, sendo uma sugestão de como poderia iniciar uma coreografia, a partir do trabalho de mãos. Ter a oportunidade de analisar essa cena, em específico, nos remete a fala de Duarte (2015) onde assistir o vídeo nos dá a chance de assistirmos o que, às vezes, não é percebido em uma apresentação ao vivo. Podemos focar, aproximar ou rever um movimento.

E, pensando nessa ideia de trabalho das mãos, dei início a uma atividade prática, buscando referência na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998), para um melhor aproveitamento da minha proposta. Além de contextualizar e apreciar o objeto de estudo, seria adequado também realizar um fazer artístico.

O professor Samuel pediu que os alunos, nesse momento, ligassem suas câmeras e que todos ficassem de pé em frente a elas. Após um alongamento, a atividade consistiu na repetição dos movimentos que demonstrei aos alunos. Utilizei a mesma música da trilha sonora do filme, da cena assistida, e realizei um passo base que era parecido ao que foi mostrado no filme e que seria de fácil assimilação para os alunos. Assim como informou Strazzacappa (2001), o professor deve ser uma referência para os alunos e deve participar da aula e para isso é importante que tenha um conhecimento mesmo que básico em dança ou que desenvolva um trabalho corporal. Para esta primeira prática eu deveria ser um modelo que eles pudessem observar e motivar a dançar.

Aprendido o movimento base, solicitei que os alunos criassem uma partitura com as mãos de forma livre e que unissem ao movimento que ensinei. Foi uma oportunidade para os alunos produzirem a partir do que foi assistido e absorvido e também unir ao conhecimento prévio que eles possuíam.

Como segunda etapa da atividade, foi necessária que o professor Samuel me auxiliasse e dividisse a turma em dois grupos, onde cada hora um grupo intercalou para assistir ao outro. Sugerí também para aqueles que estivessem dançando poderiam observar o movimento do colega como inspiração e incluir na sua própria dança aumentando os elementos de sua partitura coreográfica.

Finalizada a atividade, partimos para um debate acerca da prática corporal realizada e foi uma forma de, novamente, ouvir a opinião dos alunos sobre a aula.

"Eu achei um pouco difícil, porque eu ficava pensando num movimento e eu achava que ele não iria combinar com minha coreografia e aí já pensava em outro." (L. 10 anos).

"Eu já consegui pensar em um monte de movimentos porque eu já tinha pego o movimento principal, mas aí acabou a música." (G. 10 anos).

"Eu achei divertido." (Lu. 09 anos).

Após falarem sobre a atividade, perguntei também se tiveram vergonha em saber que estavam sendo assistidos pelos colegas e, ao mesmo tempo, se também gostaram de assistir os outros.

"Eu não sei o que acontece comigo. Na aula presencial eu não fico com vergonha, mas na aula online eu fico com vergonha." (L. 10 anos).

"Professor, eu achei até melhor, porque dançar na frente de todo mundo já é meio vergonhoso, mas a gente olhando para o celular é melhor." (P. 10 anos).

A maioria dos alunos gostou da experiência, mas informei também que era normal sentir vergonha, como relatou a aluna, principalmente quando sabemos que tem alguém nos assistindo e fiquei curioso em saber se eles já tiveram alguma experiência anterior de fazer alguma apresentação para o público, fosse um teatro ou um recital de poesia. O professor Samuel explicou que alguns dos alunos que estavam ali presentes tinham participado de um teatro e os próprios alunos completaram falando que foi uma experiência muito legal, que tiveram alguns contratemplos como ter que improvisar na hora da apresentação, textos para

decorar, mas que gostaram muito. Citaram outras apresentações que fizeram como para o dia das mães e festa junina.

"A gente fez um teatro e não teve muita dificuldade não. Porque todo dia a gente ensaiava para não esquecer e foi bem legal, deu vergonha, mas foi legal." (S. 10 anos).

Retornei o diálogo para a atividade, e perguntei também se durante a criação dos movimentos eles conseguiram lembrar-se das cenas do filme que assistimos, se recorreram como referência ou motivação. Os alunos disseram que sim, e mesmo que os movimentos não fossem iguais ao do filme, eles criaram pensando no que foi observado, principalmente os movimentos que o ator fazia. Outra aluna buscou a lembrança mais especificamente das cenas que foram assistidas na primeira aula, onde a atriz tentava ensinar alguns movimentos de balé para o ator. A vantagem de usar o Cinema como estratégia colaborativa para a criação do movimento é que a Sétima Arte contempla todas as outras artes, como pontuou Wagner (2012) e os alunos conseguiram pegar referências no filme para criar sua própria dança.

Como última questão, perguntei se a música utilizada para essa atividade contribuiu ou não para a realização do movimento. Depois, acrescentei nesse questionamento que se eu tivesse utilizado outra música ela teria ajudado ou não.

"Contribuiu, porque com a música você já pensava em vários movimentos." (S. 10 anos).

"Ela contribuiu, porque com cada batida que eu escutava dela, eu inventava um dos movimentos." (P. 10 anos).

"Acho que sim, de boas." (G. 10 anos. Aluno respondendo sobre o uso de outros ritmos ou música).

"Tem muita música que você pode misturar para dançar um balé." (J. 10 anos).

Ao finalizar este bate papo, os alunos ficaram mais interessados em saber mais sobre a história da dança, sua origem e a cultura presente em cada estilo. Também pediram uma lista com o nome de todos os filmes que comentamos, principalmente na primeira aula, porque tinham o interesse de assistir posteriormente. Perceber esse interesse dos alunos em continuar os estudos em Dança ou mesmo em assistir os filmes comentados mostra que o Cinema é uma arte includente, como apontou Wagner (2012), porque essa era uma turma que tinha todas as possibilidades para trabalhar qualquer tema dentro da disciplina de artes e pude oferecer um

material em outro código visual além daqueles que já estavam acostumados a estudar e, da mesma maneira que o Cinema colabora com a criatividade, autonomia e conhecimento. Todos esses pontos foram observados ao longo das aulas. Mesmo que possa ter surgido alguma dúvida, ou mesmo desinteresse por uma minoria de alunos, era possível perceber que o Cinema colaborou para o ensino desses alunos e que uma aula de Dança também produz o conhecimento e não é somente uma repetição de movimentos ou atividades práticas voltadas para eventos da escola, como Isabel Marques (2014) chamou a atenção sobre o papel da Dança na escola.

“No momento fruição, o graduando retirou de uma das cenas do filme alguns movimentos para a experimentação. Foi repassado aos alunos e alunas os movimentos, de forma bem marcada para que eles e elas pudessem, nesse primeiro momento, memorizar e repetir o que estava sendo sugerido. Ao som de uma das músicas do filme os e as discentes experimentaram os passos. Num segundo momento, foi sugerido para os e as educandas experimentassem os movimentos aprendidos na aula e acrescentassem movimentos realizados no cotidiano ou movimentos do balé ou do hip hop, que eles e elas conheciam.

Para finalizar, houve o momento de apreciação, onde todos e todas debatemos um pouco sobre a prática, os alunos e alunas puderam colocar quais filmes já haviam visto, onde a dança estava presente na vida deles e delas. Falamos das questões históricas das danças apresentadas, sobre gênero e sexualidade na dança, quem pode dançar o que. Perguntamos se eles e elas já conheciam essas danças, se já haviam praticado alguma delas, alguns discentes falaram que já haviam visto alguns filmes e algumas alunas já haviam praticado balé.” (Relato Prof. Samuel sobre as aulas. 2020).

O relato do professor Samuel demonstrou que o trabalho desenvolvido com os seus alunos obedeceu a tríplice da Abordagem Triangular de Ensino, apresentado por Ana Mae Barbosa (1998), onde ela sugere que para o ensino das Artes temos que pensar no contexto, apreciação e fazer artístico. Sendo que, na primeira parte eu contextualizei os alunos sobre o assunto a ser trabalhado, tivemos a fase de apreciação de um filme de dança e, para uma melhor compreensão do assunto, fizemos uma atividade prática para internalizar tudo que foi abordado nesses dois encontros.

Isso aponta que buscar uma metodologia de ensino pautado na Abordagem Triangular, além de fugir de um ensino tradicional onde o aluno fica limitado apenas a cópia de conteúdo, mostrou-se um grande aliado e com resultados mais promissores daquilo que eu buscava identificar nesse trabalho, indicando que o diálogo entre as artes, e tendo como base a Abordagem Triangular, pode ser eficaz, tendo como referência as práticas e os relatos dos alunos, que foram positivos em relação ao que foi apresentado nessas aulas.

Ao final dessa etapa, percebi como resultado da criação dessa proposta didática que ao unir o Cinema em prol do ensino da Dança foi uma experiência gratificante tanto para mim

como para os alunos que participaram deste momento, porque foi possível verificar o interesse pelo conteúdo, a troca de opiniões, as diversas questões que foram levantadas e a prática realizada. Observei que mesmo os alunos não tendo tanta familiaridade com os estilos de dança apresentados mostraram-se bastante animados e curiosos sobre essa arte, como a consideravam algo bonito, divertido e também trabalhoso, mostrando a sua importância como qualquer outra área de conhecimento.

Não podemos negar também que o fator visual (apreciar o filme) também contribuiu para o entendimento e diálogo durante a aula, porque eu poderia simplesmente ficar apenas focado a um conteúdo teórico ou mesmo sem propor uma prática corporal. Mas assistir um filme, que tem o cuidado estético como, por exemplo, o uso de jogo de câmeras, preocupação com a música, figurino e coreografia pensados para aquilo, enche os olhos da criança que consegue visualizar o tema que está sendo abordado na aula e se interessar para as práticas ou questões levantadas. O filme, além de ser um elemento que auxiliou na aula também foi importante para motivar, influenciar e inspirar a criança para a criação do seu movimento. Obviamente, é necessário escolher filmes que pudessem ser interessantes para o público que se pretendia atingir, que atraia o interesse e estivesse relacionado com o tema daquela aula. Não devia ser escolhido um filme apenas pelo gosto do professor, porque senão ele não teria sentido ou alguma contribuição para aquele público em específico, como orienta Pereira [s.d.].

Os alunos da Escola Estadual Getúlio Vargas tiveram a oportunidade de apreciar um filme que mostra duas realidades e como a paixão pela dança uniu esses mundos. E isso gerou também um retorno positivo da apreciação porque os alunos elogiaram a arte de dançar e mantiveram o interesse por ela. Mesmo que alguns alunos tenham ficado calados durante a aula, mantiveram atentos e prestaram atenção ao conteúdo da aula. Existia a opção do aluno não participar da chamada de vídeo, ou mesmo não realizar a prática corporal, mas, felizmente, a maioria dos alunos entendeu o tema e conseguiram unir a teoria apoiada com a apreciação cinematográfica e empregar no fazer artístico, conforme os objetivos propostos para essa aula remota. E, de acordo com o que foi apresentado nesse trabalho, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1998), deve promover uma interação entre o professor, aluno, o conteúdo e o meio. Por isso que todas as etapas da minha aula eram tão importantes para o sucesso de minha proposta. Eu não podia simplesmente exibir uma cena de filme e apenas fazer perguntas já definidas e não explorar o conteúdo. Foi preciso fazer um estudo de como era o perfil dos alunos e da escola e o meio em que viviam, além do acesso ao conteúdo que iria trabalhar. Além disso, foi preciso contextualizá-los sobre o assunto e buscar o

interesse a partir do que estavam acostumados e também conheciam. O diálogo foi bastante importante também para termos um direcionamento da aula e preparar os alunos para uma atividade prática, mesmo que fosse necessária mais de uma aula para a busca dos meus objetivos. Afinal, seriam essas experiências e a trajetória dos estudantes no assunto que favoreceria para termos um maior material sobre o assunto.

Ademais, o fato de os alunos citarem diversos outros filmes durante a aula demonstrou como esse diálogo entre a Dança e o Cinema pode ser enriquecedor, porque temos a possibilidade de ter um maior acervo de filmes para exibição e os alunos conseguiram absorver mais ainda o conteúdo da disciplina e poderiam fazer mais associações entre os filmes que eles conheciam com os estilos de dança.

“Os e as discentes gostaram bastante da aula ofertada pelo professor Alex Pedrosa, a participação e contribuição dos alunos e alunas, que estavam presentes na aula mesmo que poucos, foi positiva, eles e elas se divertiram, que é o que mais importa. O perfil desses e dessas discentes é de muita participação e questionamento. Então se mostraram interessados durante todo o trabalho proposto.

Antes das aulas conversamos bastante, Alex e eu. Passei para ele o perfil da turma, as experiências já vivenciadas, as práticas em dança oferecidas por outros professores ou professoras nos anos anteriores, falei sobre o que eles e elas já haviam vivenciado sobre Cinema e, assim, o professor Alex Pedrosa apresentou um plano de aula que tinha o perfil dos e das discentes, que respeitava a identidade de cada um e uma ali presente. Sugeri que o graduando montasse uma arte de divulgação da aula, para incentivar a participação dos alunos e alunas. O material ficou divertido. Nesse período de aulas remotas, sugerir propostas diferentes dos habituais, contribui para o ensino e aprendizagem dos e das discentes e quando é apresentado um material diferenciado, isso incentiva a participação e efetivação da atividade.

Os filmes sugeridos e aquele exibido, já era conhecido por alguns alunos e alunas, porém foi importante rever para contribuir na atividade, também foi sugerido ao graduando que fizesse uma lista com os nomes dos filmes, onde encaminhei no grupo de discussão da turma. O plano de aula foi apresentado para a supervisão escolar que aprovou o material e acompanhou o processo de experimentação das atividades.” (Relato Prof. Samuel sobre as aulas. 2020).

O mesmo resultado poderia ser percebido se trabalhasse o diálogo entre outras artes, seja a Dança com a Pintura, a Dança com a Música. Mas como o caso aqui é o Cinema, minha área de conhecimento, foi possível trabalhar também essa interdisciplinaridade, ainda mais se levarmos em consideração que o Cinema consegue abraçar mais de uma arte, sendo possível perceber a Dança, a Música, o Teatro, dentro de um único trecho de um filme. E para uma criança, quanto mais elementos ele tiver ao seu dispor para o seu desenvolvimento e criação, mais predispostos, conscientes e críticos eles se tornarão.

Trabalhar num ambiente online não foi minha preferência para realização de minha proposta didática, mas como essa foi a condição que o momento presente me proporcionou, foram necessárias adaptações do conteúdo. Mesmo assim, foi possível manter a atenção e o

desenvolvimento da proposta. A tecnologia, através da chamada de vídeo, proporcionou a continuidade da arte para que ela acontecesse e fosse estudada. Foi um desafio realizar uma proposta didática presencial em uma nova realidade de ensino, mas ao final foi gratificante alcançar um grupo de crianças falando sobre aquilo que eu defendo e acredito e tendo uma troca de conhecimentos por todos os presentes e com o devido valor que a Dança e o Cinema merecem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver um trabalho de pesquisa sobre a apreciação de filmes de dança que podem contribuir para o ensino da Dança nas escolas e ainda ter a oportunidade de colocar em prática essa proposta didática com participação e interesse dos alunos me traz uma sensação de dever cumprido, confirmado que esse diálogo entre as artes pode ser um recurso para desenvolver conteúdos durante uma aula de Dança na disciplina Artes de forma significativa.

Realizar a prática com os 15 alunos da turma do Professor Samuel da Escola Estadual Getúlio Vargas foi uma oportunidade de experenciar a prática docente a partir do tema do meu interesse e fazer uma troca com os alunos que também estavam animados com as aulas, o que me estimulou mais ainda em continuar atuando junto com esses estudantes, de prosseguir todo o plano de ensino e construirmos juntos as possibilidades que essa proposta didática pode nos oferecer.

Quando comecei a escrever sobre o tema, chamei a atenção para a dificuldade que algumas escolas encontram em ter professores capacitados em cada uma das linguagens artísticas, como Isabel Marques (2014) já questionava a respeito do ensino da dança nas escolas ou mesmo possuir meios de trabalhar a Dança e o Cinema. Mas não imaginaria que o maior desafio não era nenhum desses casos e sim a impossibilidade de fazer uma aula prática de forma presencial. Foi necessário adaptar a minha aula para outro formato, onde as aulas online foram adotadas por quase todas as escolas em virtude da pandemia de COVID-19. Pelo menos, mesmo que remotamente, o conteúdo previsto pôde ser trabalhado e, assim, foi possível analisar essa interdisciplinaridade entre as artes, promovendo esse diálogo entre a Dança e o Cinema. E mesmo distante dos alunos, eles tiveram a oportunidade de apreciar a Dança e o Cinema, contextualizar o conteúdo e colocar em prática tudo que foi apresentado e discutido durante as aulas.

Claramente, tantos outros professores, pesquisadores e estudantes de Dança ou Cinema já apresentaram essa mesma proposta de relacionar essas duas artes. E essa foi uma oportunidade de eu saber o que já havia sido escrito ou experimentado por outros profissionais da área, além de ser uma oportunidade de aliar minhas duas paixões de forma sistemática embasada em conceitos e trocas de experiências. Ao analisar os livros didáticos foi possível perceber diversas outras relações entre as artes, como a Música e o Cinema, o Teatro e a Dança, a Pintura e a Literatura, mas busquei referências sobre aquilo que amava, que tinha maior conhecimento e mostrar a potência do Cinema como um campo para a construção do saber artístico.

Foi possível colocar em prática uma proposta didática pautado neste tema e penso que esse foi apenas um primeiro passo, já que o meu trabalho foi realizado com um grupo específico num ambiente online, porém como seria a abordagem e quais resultados seriam obtidos se tivesse trabalhado com os alunos de outros anos e de forma presencial? Seria este um novo trabalho de pesquisa, já que seria mais gratificante estar numa sala de aula, participando da evolução dos meus alunos e possibilitando fazeres artísticos de forma coletiva?

Esta proposta didática poderia ser experienciada também com outras realidades, alunos de faixa etária diferenciada, em escolas públicas, particulares ou em cursos livres de Dança. Possivelmente, teríamos resultados diferentes de acordo com a vivência de cada grupo e isso é uma ótima forma de observar como a arte toca as pessoas de maneiras diversas, não existindo uma fórmula correta de ensino, indiferente do caminho trilhado e das vivências que o aluno possa ter para acessar a arte.

Outro ponto de extrema importância para a realização e conclusão desse trabalho foi das parcerias criadas ao longo do desenvolvimento da minha proposta, como a criação do atelier e das trocas e questionamentos que foram gerados com outros colegas também envolvidos com o ensino de Arte e com visões diferentes sobre o assunto. O apoio foi constante nesse momento e me ajudaram durante meus anseios e dúvidas para o sucesso de minhas aulas. E este apoio mostrou-se presente também na parceria que tive com o meu colega de turma e professor Samuel que foi bastante solícito ao ceder suas aulas para que eu tivesse a oportunidade de trabalhar o meu conteúdo e também ser um suporte durante as práticas. Afinal, assim como os alunos que participaram das aulas, eu também estava e estou aprendendo a lidar com esse ambiente escolar, seja online ou não, mas que contribuiu muito para a minha formação como educador.

Para este trabalho utilizei uma dezena de filmes para desenvolver essa proposta e trabalhar alguns estilos específicos de dança, mas eu poderia ter sugerido tantos outros filmes como também trabalhar com outros estilos de dança. Poderiam ser aulas para apresentar o samba, o jazz, o contemporâneo, o sapateado etc., e da mesma maneira, temos, felizmente, tantos filmes que poderiam ilustrar o tema como forma de complementar o conteúdo. Este era apenas um recorte, utilizando filmes mais conhecidos por estes alunos. Poderiam ser aulas adaptadas para outros públicos, com filmes voltados para outra faixa etária, outras realidades de onde o meu público alvo vive.

Temos centenas de filmes de dança produzidos ao longo da história do Cinema e é interessante perceber que desde que a Sétima Arte existiu, ela contribuiu para deixar

registrada a Dança, uma arte tão antiga e tão acessível a todos. E esse diálogo é tão importante para a história de um como para a outra e, assim, um número maior de pessoas terão a possibilidade de conhecer e experimentar essas duas artes.

O meu papel como um professor, tendo familiaridade com o tema, é estimular, apresentar e contribuir para o ensino da arte, o ensino da Dança e usar de recursos que ajudam a promover o diálogo crítico dos meus alunos. E essa proposta didática em apreciar filmes de dança aliado ao ensino dos estilos de dança também contribuíram para o meu melhor conhecimento sobre o tema, aumentando mais ainda a minha paixão e uma troca com aqueles que participaram das aulas ou mesmo do atelier para a criação dessa prática, e também para aqueles que tiverem a oportunidade de ler este trabalho e tiverem a curiosidade de aprofundar sobre essa temática, assistir um filme ou mesmo relembrar de cenas icônicas de dança. Essa foi uma oportunidade de sistematizar o meu conhecimento e interesse pelo assunto e poder vivenciá-lo de forma gratificante.

Eu queria ter tido a oportunidade, na minha época de escola, em poder estudar a Dança, o Cinema ou mesmo realizar esse diálogo entre elas. Pois bem, foi preciso chegar até este momento para que isso fosse possível e quem sabe gerações futuras possam trabalhar esse conteúdo, como eu também continuarei.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Dorotea S. Coreocinema: Maya Deren e o Cinema Experimental de Dança. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2012, Recife, PE. Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Lei de diretrizes e bases. Lei nº 9.394/96. Brasília, 1996.

BUREN, Daniel. A função do ateliê. Título original: Fonction del'atelier, in: LOOCK, Ulrich, Ed. Anarquitectura de Andrea Zittel, Porto, Público / Fundação de Serralves, 2005, pp.48-53. Disponível em: <http://www.academia.edu/8736584/Daniel_Buren_-_A_Funcao_do_Atelie>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

CALDAS, Felipe Rodrigo; HOLZER, Denise Cristina; POPI, Janice Aparecida. A interdisciplinaridade em arte: algumas considerações. Revista Nupeart, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC - Centro de Artes - CEART v.17, Santa Catarina, 2017.

CASTRO, Maria João. Dança e cinema: o pax-de-deux das duas artes do movimento do século XX. In Atas do V Encontro Anual da AIM, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 152-161. Lisboa: 2016.

DUARTE, Carolina Natal. Mediações entre o cinema e a dança: Territórios em questão. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 41, p. 145-165, 2015.

FACCO. Marta Lucia Cargnin. Reflexões sobre o ateliê como lugar/espaço em processos de criação em Artes Visuais. Revista Digital do LAV – vol. 10, n. 2, p. 213 – 227 – mai./ago. Santa Maria / RS. 2017.

FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade na formação de professores: da teoria à prática. Canoas: Ulbra, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel, SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Sandra Vaz de Lima. Metodologia no Ensino da Arte. 2011. Disponível em: <<http://metodologiadearte.blogspot.com/p/ensino-da-arte.html>>. Acesso em 15 de abril de 2020.

MACHADO, R. S. B.. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. In: Ana Mae Barbosa. (Org.). Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Isabel. e BRAZIL, Fábio. Arte em Questões. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

MARQUES, Isabel. Dançando na escola. In: Revista Motriz, v.3, n.1, jun.1997.

MARQUES, Isabel. De tripé em tripé: o caleidoscópio do ensino de dança. In: Ana Mae Barbosa. (Org.). Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Isabel. Linguagem da dança: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel. Metodologia para o Ensino de Dança: **luxo ou necessidade?** In: PEREIRA, Roberto & SOTER, Silvia. (org.) Lições de Dança 4. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.

NUNES, Ana Paula. Cinema e Dança - uma constante negociação entre duas linguagens. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008.

PEREIRA, Wigvan. 7 Dicas de como utilizar filmes como recurso didático. [s.d.]. Disponível em: <<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/7-dicas-como-utilizar-filmes-como-recurso-didatico.htm>> Visualizado em 13 de abril de 2020.

PEQUENO, Fernanda. Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações. In: 20º Encontro Nacional ANPAP - Subjetividades, Utopias e Fabulações, 2011, Rio de Janeiro. Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Online). v. 1. p. 59-72. Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, Rio de Janeiro. 2011.

PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Eliana Fernandes et al. Alcance EJA: anos iniciais do Ensino Fundamental. Vol. 2. Curitiba: Positivo, 2013.

RENGEL, Lenira. Dicionário Laban. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Ovídia Kaliandra Costa; BELMINO, José Franscidavid Barbosa. Recursos didáticos: uma melhoria na qualidade da aprendizagem. 2013. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_fde094c18ce8ce27adf61aef31dd2d6.pdf>. Acesso em 10 março de 2020.

SANTOS, Solange dos et al. Por Toda Parte, 6ºano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2015.

STRAZZACAPPA, Márcia et al. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. Cadernos Cedes, Campinas: 2001.

VERDERI, Erica. Dança na escola: uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

WAGNER, Antonio Carlos. Cinema: A arte interdisciplinar. 2012. 58 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95934/000911698.pdf>>.f?sequence =1>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

FILMOGRAFIA

BALLERINA. Direção: Éric Summer e Éric Warin. Produção: Laurent Zeitoun, Yann Zenou, Nicolas Duval Adassovsky, André Rouleau e Valérie d'Auteuil. França: Gaumont, 2016. 1 DVD (89 min.).

BEAT STREET. Direção: Stan Lathan. Produção: Harry Belafonte, Michael Holman, Mel Howard e David V. Picker. Estados Unidos: Orion Pictures, 1984. 1 DVD (105 min.).

BILLY ELLIOT. Direção: Stephen Daldry. Produção: Greg Brenman e Jon Finn. Reino Unido: Universal Pictures, 2000. 1 DVD (110 min.).

CENTER STAGE. Direção: Nicholas Hytner. Produção: Laurence Mark. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2000. 1 DVD (111 min.).

5X FAPELA – AGORA POR NÓS MESMOS. Direção: Manaíra Carneiro, Wagner Novais, Rodrigo Felha, Cacau Amaral, Luciano Vidigal e Cadu Barcellos. Produção: Renata Almeida Magalhães e Carlos Diegues. Brasil: Globo Filmes, 2010. 1 DVD (103 min.).

FEEL THE BEAT. Direção: Elissa Down. Produção: Aaron Barnett, Clément Bauer, Susan Cartsonis, Brent Emery, Suzanne Farwell e Sabina Olivia Lambert. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 DVD (109 min.).

LET'S DANCE. Direção: Ladislas Chollat. Produção: Raphaël Rocher. França: Netflix, 2019. 1 DVD (109 min.).

SAVE THE LAST DANCE. Direção: Thomas Carter. Produção: Robert W. Cort e David Madden. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2001. 1 DVD (112 min.).

SCENT OF A WOMAN. Direção: Martin Brest. Produção: Martin Brest. Estados Unidos: Universal Pictures, 1992. 1 DVD (156 min.).

SHALL WE DANCE?. Direção: Peter Chelsom. Produção: Simon Fields, Bob Weinstein, Harvey Weinstein e James Tyler. Estados Unidos: Miramax Films, 2004. 1DVD (106 min.).

SILVER LININGS PLAYBOOK. Direção: David O. Russell. Produção: Bruce Cohen, Donna Gigliotti e Jonathan Gordon. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2012. 1 DVD (122 min.).

SINGIN' IN THE RAIN. Direção: Stanley Donen e Gene Kelly. Produção: Arthur Freed. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1952. 1 DVD (103 min.)

SINTONIA. Direção: Kondzilla. Produção: Rita Moraes, Felipe Braga e Alice Braga. Brasil: Netflix, 2019. 1 TEMPORADA (247 min.).

STEP UP. Direção: Anne Fletcher. Produção: Erik Feig, Jennifer Gibgot, Adam Shankman e Patrick Wachsberger. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 2006. 1 DVD (103 min.).

TAKE THE LEAD. Direção: Liz Friedlander. Produção: Christopher Godsick, Michelle Grace e Diane Nabatoff. Estados Unidos: New Line Cinema, 2006. 1DVD (118 min.).

THE CURIOUS CASE OF BENJAMIN BUTTON. Direção: David Fincher. Produção: Kathleen Kennedy, Frank Marshall e Ceán Chaffin. Estados Unidos: Warner Bros, 2008. 1 DVD (166 min.).

WEST SIDE STORY. Direção: Jerome Robbins e Robert Wise. Produção: Robert Wise. Estados Unidos: United Artists, 1961. 1 DVD (152 min.).

WORK IT. Direção: Laura Terruso. Produção: Alicia Keys, Leslie Morgenstein, Elysa Koplovitz Dutton e Sabrina Carpenter. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 DVD (93 min.).

YOU GOT SERVED. Direção: Chris Stokes. Produção: Ketrina 'Taz' Askew, Kristin Cruz, Max Gousse, Kevin Halloran, Marcus Morton, Billy Pollina, Monique Scott, Raynelle Swilling, Cassius Weathersby e Amy Yukich. Estados Unidos: Screen Gems, 2004. 1 DVD (95 min.).

APÊNDICES

APÊNDICE A. Convite participação do Atelier de criação

Olá! Neste momento estou no processo de realização do meu trabalho de conclusão do curso de Dança e tenho como objetivo criar uma proposta didática que trabalhe no diálogo entre a Dança e o Cinema. Ou seja, a apreciação de filmes de dança para o ensino aprendizagem em dança. Não pensar na exibição do filme como uma forma preencher o tempo da aula, mas uma oportunidade de desenvolver um trabalho com o aluno. Tenho algumas ideias de como pode ser essa proposta didática, do mesmo modo que também alguns questionamentos sobre essa prática e uma forma que encontrei para fazer esse trabalho é trocar ideias com outros colegas da área da Arte por meio de um atelier. O atelier é um espaço que pode ser tanto físico, como virtual, onde diversos artistas podem se unir para trocar ideias, trabalharem juntos e debater sobre diversos temas e por isso acho que criar um atelier pode ser de grande valia para a busca do que proponho. Acredito que juntamente com os meus colegas posso desenvolver a minha proposta didática. Visto isso, eu gostaria de te convidar para fazer parte do meu atelier de Dança e Cinema para a criação da minha proposta didática. Sendo essa uma parte muito importante para a conclusão do meu TCC. E para isso, escolhi a opção da chamada de vídeo como o local denominado o atelier. Se você puder participar e/ou sentiu interessado pelo o meu tema confirme essa mensagem que depois passarei outras informações como datas com disponibilidade para os encontros, o link para a reunião e a autorização do uso de imagem. Obrigado!

APÊNDICE B. Apresentação teórica da Aula Online



Dança e Cinema
Prof.: Alex Pedrosa

Balé Clássico

O Balé Clássico tem sua origem nas cortes italianas renascentistas no século XVI, embora tenha se tornado mais popular nas cortes francesas. Na época esse espetáculo era muito apreciado pela nobreza.

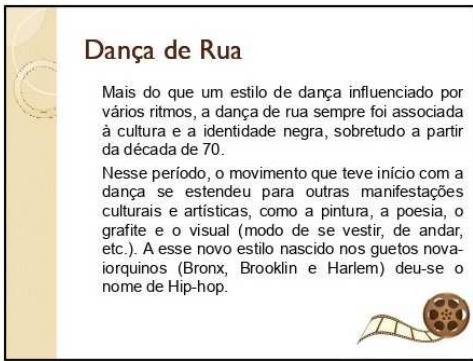


Balé Clássico

O Balé Clássico é uma modalidade de dança que requer muita habilidade, técnica e treinamento pois possui um vocabulário próprio e metódico. Os fundamentos básicos do Balé Clássico consistem em: postura ereta, rotação externa dos membros inferiores, movimentos circulares dos membros superiores, verticalidade corporal, disciplina, leveza e harmonia.

Dança de Rua

A dança de rua originou-se nos Estados Unidos, em 1929, época da quebra da bolsa de Nova York e da grande crise econômica. Músicos e dançarinos dos cabarés americanos urbanos, desempregados como consequência da crise, passaram a realizar suas performances nas ruas.



Dança de Rua

Mais do que um estilo de dança influenciado por vários ritmos, a dança de rua sempre foi associada à cultura e à identidade negra, sobretudo a partir da década de 70. Nesse período, o movimento que teve início com a dança se estendeu para outras manifestações culturais e artísticas, como a pintura, a poesia, o grafite e o visual (modo de se vestir, de andar, etc.). A esse novo estilo nascido nos guetos novaiorquinos (Bronx, Brooklyn e Harlem) deu-se o nome de Hip-hop.

Dança de Rua

A **dança de rua**, ou *Street Dance* é um conjunto de estilos de danças que possuem movimentos detalhados (acompanhados de expressão facial), com as seguintes características: Força; Movimentos sincronizados e harmoniosos; Movimentos Rápidos.

As músicas, independente do estilo de Street Dance, têm a batida forte como principal característica.



Alguns filmes sobre Balé e Hip hop

Fonte:

<https://www.infoescola.com/artes/bale-classico/>

<https://www.infoescola.com/danca/danca-de-rua/>

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar do Atelier de Dança e Cinema desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *“A Apreciação de filmes como uma proposta didática do ensino aprendizagem em Dança no Ensino Fundamental”*, no curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da UFMG sob a responsabilidade da professora e orientadora Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira e do licenciando Alex Camilo Pedrosa.

O Atelier é um espaço que pode ser tanto físico, como virtual, onde diversos artistas podem se unir para expor pontos de vista, trabalharem juntos e debater sobre diversos assuntos e, por isso, o Atelier acontecerá por meio de chamadas de vídeo e terá como objetivo a troca de ideias para a criação de uma proposta didática em Dança fazendo o uso de filmes de dança.

Sua participação voluntária consiste em participar de duas chamadas de vídeo e através de sua experiência no campo da Arte, seja como artista e/ou professor, irá contribuir na criação de uma proposta didática em Dança conforme orientações direcionadas durante o Atelier. As chamadas de vídeo serão realizadas pela plataforma Zoom e serão gravadas e ficarão armazenados por cinco anos após sua realização.

Seu sigilo está garantido. Entretanto, os resultados obtidos serão utilizados no trabalho e em atividades que serão realizadas com alunos do Ensino Fundamental. Além disso, os resultados do Atelier podem ser publicados ou apresentados oralmente, sem revelar a identidade dos participantes. Os dados obtidos durante as chamadas de vídeo são confidenciais e não serão utilizados para outros fins.

Sobre os riscos de participar do Atelier, você pode se sentir desconfortável ou constrangido(a) durante a realização das chamadas de vídeo. Neste caso, você pode optar por não participar. Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá remuneração por sua participação.

Em caso de concordância, você irá assinar duas vias deste termo e receberá uma delas assinada pelo pesquisador.

Você tem liberdade de **recusa e de desistência** em qualquer momento da pesquisa, retirando o seu consentimento sem qualquer penalização. Você pode contatar o licenciando em caso de dúvida ou necessidade de outros esclarecimentos sobre a pesquisa. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso também pode ser contatada em caso de dúvidas éticas.

Eu, Bárbara Aparecida de Almeida Silveira, CPF: 118351246-58, sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente do Atelier, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.



Assinatura do participante



Assinatura do licenciando

Belo Horizonte (MG), 29 de junho de 2020

Contato dos pesquisadores:

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira
Tel: (31) 9.995 81167
E-mail: anacristina.c.pereira@gmail.com

Licenciando: Alex Camilo Pedrosa
Tel.: (31) 9.91348948
E-mail: alexcamilop@gmail.com

Contato da Escola de Belas Artes - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte -
MG - CEP 31270-901
Tel.: (31) 3409 5385
E-mail: coldanca@eba.ufmg.br

(Termo de página única, por isso não numerada)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar do Atelier de Dança e Cinema desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*A Apreciação de filmes como uma proposta didática do ensino aprendizagem em Dança no Ensino Fundamental*”, no curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da UFMG sob a responsabilidade da professora e orientadora Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira e do licenciando Alex Camilo Pedrosa.

O Atelier é um espaço que pode ser tanto físico, como virtual, onde diversos artistas podem se unir para expor pontos de vista, trabalharem juntos e debater sobre diversos assuntos e, por isso, o Atelier acontecerá por meio de chamadas de vídeo e terá como objetivo a troca de ideias para a criação de uma proposta didática em Dança fazendo o uso de filmes de dança.

Sua participação voluntária consiste em participar de duas chamadas de vídeo e através de sua experiência no campo da Arte, seja como artista e/ou professor, irá contribuir na criação de uma proposta didática em Dança conforme orientações direcionadas durante o Atelier. As chamadas de vídeo serão realizadas pela plataforma Zoom e serão gravadas e ficarão armazenados por cinco anos após sua realização.

Seu sigilo está garantido. Entretanto, os resultados obtidos serão utilizados no trabalho e em atividades que serão realizadas com alunos do Ensino Fundamental. Além disso, os resultados do Atelier podem ser publicados ou apresentados oralmente, sem revelar a identidade dos participantes. Os dados obtidos durante as chamadas de vídeo são confidenciais e não serão utilizados para outros fins.

Sobre os riscos de participar do Atelier, você pode se sentir desconfortável ou constrangido(a) durante a realização das chamadas de vídeo. Neste caso, você pode optar por não participar. Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá remuneração por sua participação.

Em caso de concordância, você irá assinar duas vias deste termo e receberá uma delas assinada pelo pesquisador.

Você tem liberdade de **recusa e de desistência** em qualquer momento da pesquisa, retirando o seu consentimento sem qualquer penalização. Você pode contatar o licenciando em caso de dúvida ou necessidade de outros esclarecimentos sobre a pesquisa. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso também pode ser contatada em caso de dúvidas éticas.

Eu, Ana Carolina Quirino Souto, CPF: 127.198.196-38, sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente do Atelier, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.

Ana Carolina Q. Souto

Assinatura do participante

Alex Camilo Pedrosa

Assinatura do licenciando

Belo Horizonte (MG), 15 de julho de 2020

Contato dos pesquisadores:

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira
Tel: (31) 9.995 81167
E-mail: anacristina.cpereira@gmail.com

Licenciando: Alex Camilo Pedrosa
Tel.: (31) 9.91348948
E-mail: alexcamilop@gmail.com

Contato da Escola de Belas Artes - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901
Tel.: (31) 3409 5385
E-mail: coldanca@eba.ufmg.br
(Termo de página única, por isso não numerada)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar do Atelier de Dança e Cinema desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*A Apreciação de filmes como uma proposta didática do ensino aprendizagem em Dança no Ensino Fundamental*”, no curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da UFMG sob a responsabilidade da professora e orientadora Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira e do licenciando Alex Camilo Pedrosa.

O Atelier é um espaço que pode ser tanto físico, como virtual, onde diversos artistas podem se unir para expor pontos de vista, trabalharem juntos e debater sobre diversos assuntos e, por isso, o Atelier acontecerá por meio de chamadas de vídeo e terá como objetivo a troca de ideias para a criação de uma proposta didática em Dança fazendo o uso de filmes de dança.

Sua participação voluntária consiste em participar de duas chamadas de vídeo e através de sua experiência no campo da Arte, seja como artista e/ou professor, irá contribuir na criação de uma proposta didática em Dança conforme orientações direcionadas durante o Atelier. As chamadas de vídeo serão realizadas pela plataforma Zoom e serão gravadas e ficarão armazenados por cinco anos após sua realização.

Seu sigilo está garantido. Entretanto, os resultados obtidos serão utilizados no trabalho e em atividades que serão realizadas com alunos do Ensino Fundamental. Além disso, os resultados do Atelier podem ser publicados ou apresentados oralmente, sem revelar a identidade dos participantes. Os dados obtidos durante as chamadas de vídeo são confidenciais e não serão utilizados para outros fins.

Sobre os riscos de participar do Atelier, você pode se sentir desconfortável ou constrangido(a) durante a realização das chamadas de vídeo. Neste caso, você pode optar por não participar. Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá remuneração por sua participação.

Em caso de concordância, você irá assinar duas vias deste termo e receberá uma delas assinada pelo pesquisador.

Você tem liberdade de **recusa e de desistência** em qualquer momento da pesquisa, retirando o seu consentimento sem qualquer penalização. Você pode contatar o licenciando em caso de dúvida ou necessidade de outros esclarecimentos sobre a pesquisa. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso também pode ser contatada em caso de dúvidas éticas.

Eu, Maria Paula F. Carvalho, CPF: 127.120.796-63, sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente do Atelier, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.

Maria Paula Carvalho

Assinatura do participante

Alex Camilo Pedrosa

Assinatura do licenciando

Belo Horizonte (MG), 15 de junho de 2020

Contato dos pesquisadores:

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira
Tel: (31) 9.995 81167

E-mail: anacristina.c Pereira@gmail.com

Licenciando: Alex Camilo Pedrosa

Tel.: (31) 9.91348948

E-mail: alexcamilop@gmail.com

Contato da Escola de Belas Artes - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901

Tel.: (31) 3409 5385

E-mail: coldanca@cba.ufmg.br

(Termo de página única, por isso não numerada)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar do Atelier de Dança e Cinema desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*A Apreciação de filmes como uma proposta didática do ensino aprendizagem em Dança no Ensino Fundamental*”, no curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da UFMG sob a responsabilidade da professora e orientadora Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira e do licenciando Alex Camilo Pedrosa.

O Atelier é um espaço que pode ser tanto físico, como virtual, onde diversos artistas podem se unir para expor pontos de vista, trabalharem juntos e debater sobre diversos assuntos e, por isso, o Atelier acontecerá por meio de chamadas de vídeo e terá como objetivo a troca de ideias para a criação de uma proposta didática em Dança fazendo o uso de filmes de dança.

Sua participação voluntária consiste em participar de duas chamadas de vídeo e através de sua experiência no campo da Arte, seja como artista e/ou professor, irá contribuir na criação de uma proposta didática em Dança conforme orientações direcionadas durante o Atelier. As chamadas de vídeo serão realizadas pela plataforma Zoom e serão gravadas e ficarão armazenados por cinco anos após sua realização.

Seu sigilo está garantido. Entretanto, os resultados obtidos serão utilizados no trabalho e em atividades que serão realizadas com alunos do Ensino Fundamental. Além disso, os resultados do Atelier podem ser publicados ou apresentados oralmente, sem revelar a identidade dos participantes. Os dados obtidos durante as chamadas de vídeo são confidenciais e não serão utilizados para outros fins.

Sobre os riscos de participar do Atelier, você pode se sentir desconfortável ou constrangido(a) durante a realização das chamadas de vídeo. Neste caso, você pode optar por não participar. Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá remuneração por sua participação.

Em caso de concordância, você irá assinar duas vias deste termo e receberá uma delas assinada pelo pesquisador.

Você tem liberdade de **recusa e de desistência** em qualquer momento da pesquisa, retirando o seu consentimento sem qualquer penalização. Você pode contatar o licenciando em caso de dúvida ou necessidade de outros esclarecimentos sobre a pesquisa. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso também pode ser contatada em caso de dúvidas éticas.

Eu, Wendel Luiz dos Santos Martins, CPF: 12048685650, sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente do Atelier, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.

Wendel Martins

Assinatura do participante

Alex Camilo Pedrosa

Assinatura do licenciando

Belo Horizonte (MG), 15 de junho de 2020

Contato dos pesquisadores:

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira
Tel: (31) 9.995 81167
E-mail: anacristina.c Pereira@gmail.com

Licenciando: Alex Camilo Pedrosa
Tel.: (31) 9.91348948
E-mail: alexcamilop@gmail.com

Contato da Escola de Belas Artes - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901
Tel.: (31) 3409 5385
E-mail: coldanca@cba.ufmg.br

(Termo de página única, por isso não numerada)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado(a) a participar do Atelier de Dança e Cinema desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*A Apreciação de filmes como uma proposta didática do ensino aprendizagem em Dança no Ensino Fundamental*”, no curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da UFMG sob a responsabilidade da professora e orientadora Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira e do licenciando Alex Camilo Pedrosa.

O Atelier é um espaço que pode ser tanto físico, como virtual, onde diversos artistas podem se unir para expor pontos de vista, trabalharem juntos e debater sobre diversos assuntos e, por isso, o Atelier acontecerá por meio de chamadas de vídeo e terá como objetivo a troca de ideias para a criação de uma proposta didática em Dança fazendo o uso de filmes de dança.

Sua participação voluntária consiste em participar de duas chamadas de vídeo e através de sua experiência no campo da Arte, seja como artista e/ou professor, irá contribuir na criação de uma proposta didática em Dança conforme orientações direcionadas durante o Atelier. As chamadas de vídeo serão realizadas pela plataforma Zoom e serão gravadas e ficarão armazenados por cinco anos após sua realização.

Seu sigilo está garantido. Entretanto, os resultados obtidos serão utilizados no trabalho e em atividades que serão realizadas com alunos do Ensino Fundamental. Além disso, os resultados do Atelier podem ser publicados ou apresentados oralmente, sem revelar a identidade dos participantes. Os dados obtidos durante as chamadas de vídeo são confidenciais e não serão utilizados para outros fins.

Sobre os riscos de participar do Atelier, você pode se sentir desconfortável ou constrangido(a) durante a realização das chamadas de vídeo. Neste caso, você pode optar por não participar. Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá remuneração por sua participação.

Em caso de concordância, você irá assinar duas vias deste termo e receberá uma delas assinada pelo pesquisador.

Você tem liberdade de **recusa e de desistência** em qualquer momento da pesquisa, retirando o seu consentimento sem qualquer penalização. Você pode contatar o licenciando em caso de dúvida ou necessidade de outros esclarecimentos sobre a pesquisa. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso também pode ser contatada em caso de dúvidas éticas.

Eu, Ana Elara França, CPF: 023147876-33, sinto-me esclarecido(a) para participar voluntariamente do Atelier, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.



Assinatura do participante



Assinatura do licenciando

Belo Horizonte (MG), 15 de junho de 2020

Contato dos pesquisadores:

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira
Tel: (31) 9.995 81167
E-mail: anacristina.cpereira@gmail.com

Licenciando: Alex Camilo Pedrosa
Tel.: (31) 9.91348948
E-mail: alexcamilop@gmail.com

Contato da Escola de Belas Artes - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901
Tel.: (31) 3409 5385
E-mail: coldanca@eba.ufmg.br

(Termo de página única, por isso não numerada)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ECLARECIDO

Você está convidado (a) a participar como professor-mediador da Aula de Dança e Cinema desenvolvido como parte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “*A Apreciação de filmes como uma proposta didática do ensino aprendizagem em Dança no Ensino Fundamental*”, no curso de Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes da UFMG sob a responsabilidade da professora e orientadora Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira e do licenciando Alex Camilo Pedrosa.

Sua participação voluntária consiste em ceder o espaço de sua aula online de Artes na Escola Estadual Getúlio Vargas (Belo Horizonte/MG) para que o licenciando Alex Camilo Pedrosa, possa realizar uma proposta pedagógica originada durante a produção do seu Trabalho de Conclusão de Curso. A chamada de vídeo será realizada pela plataforma Google Meet e a gravação ficará armazenada por cinco anos após sua realização, apenas para consulta dos envolvidos.

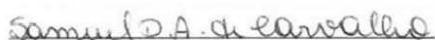
Seu sigilo está garantido. Entretanto, os resultados obtidos serão utilizados na Análise de Dados e Conclusão do trabalho. Além disso, os resultados obtidos durante a aula online podem ser publicados ou apresentados oralmente, sem revelar a identidade ou a imagem dos participantes. Os dados alcançados durante a chamada de vídeo são confidenciais e não serão utilizados para outros fins.

Sobre os riscos de participar da aula online, você pode se sentir desconfortável ou constrangido (a) durante a realização da chamada de vídeo. Neste caso, você pode optar por não participar. Você não terá qualquer tipo de despesa e não receberá remuneração por sua participação.

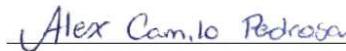
Em caso de concordância, você irá assinar duas vias deste termo e receberá uma delas assinada pelo pesquisador.

Você tem liberdade de **recusa e de desistência** em qualquer momento da pesquisa, retirando o seu consentimento sem qualquer penalização. Você pode contatar o licenciando em caso de dúvida ou necessidade de outros esclarecimentos sobre a pesquisa. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso também pode ser contatada em caso de dúvidas éticas.

Eu, Samuel Demerson Alves de Carvalho, CPF: 069.619.686-78, sinto-me esclarecido (a) para participar voluntariamente da aula online, sentindo-me livre para, a qualquer momento, retirar meu consentimento de participação. Participo, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido, e por isso firmo o presente Termo.



Assinatura do participante



Assinatura do licenciando

Belo Horizonte (MG), 28 de agosto de 2020

Contato dos pesquisadores:

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Carvalho Pereira
Tel: (31) 9.995 81167
E-mail: anacristina.cpereira@gmail.com

Licenciando: Alex Camilo Pedrosa
Tel.: (31) 9.91348948
E-mail: alexcamilop@gmail.com

Contato da Escola de Belas Artes - UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627, Pampulha - Belo Horizonte - MG - CEP 31270-901
Tel.: (31) 3409 5385
E-mail: coldanca@eba.ufmg.br

(Termo de página única, por isso não numerada)